

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Crítica profética
de sistemas
sociais na
perspectiva
franciscana**



Lição 21 B
O Marxismo

**Curso Básico
sobre o
Carisma
Missionário
Franciscano**



**Crítica profética
de sistemas
sociais na
perspectiva
franciscana**



**Lição 21 B
O Marxismo**

Petrópolis 2002

© FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
Rua Coronel Veiga, 1705 – CEP 25655-152
Caixa Postal 90.174 CEP 25621-970
PETRÓPOLIS – RJ

Copyright do original alemão

Comissão Internacional do CCFMC.

Edição revisada conforme as propostas do Congresso Internacional do CCFMC,
em Assis, Itália, 1994.

Redação original em língua alemã

Anton Rotzetter OFM^{Cap}, Maria Crucis Doka OSF,
Margarethe Mehren OSF, Patricia Hoffmann-Kayser,
Othmar Noggler OFM^{Cap}, Horst von der Bey OFM e
Andreas Müller OFM

Layout

Jakina Ulrike Wesselmann
Centro Missionário dos Franciscanos (MZF)

Tradução para o português

Malina Hoepfner RSCJ

Revisão literária

Frei Celso Márcio Teixeira

Diagramação, paginação e fotolitos

Domus Design Gráfico

VOZES IMPRIMIU





III. Informação (continuação):

B. Marxismo

1. - Marxismo. o que significa?
 - 1.1. Karl Marx
 - O encontro com Friedrich Hegel, os Hegelianos e o Idealismo alemão
 - Amizade vom Friedrich Engels
 - 1.2. Evolução do Marxismo
 - O jovem Marx
 - O Marx maduro
 - O Comunismo de Lenin, Mao, Tito, Fidel Castro, também denominado de Marxismo oriental.
 - O Marxismo ocidental
 - Correntes espirituais influenciadas por Marx
 - Marxismo no Terceiro Mundo
 - O Marxismo latino-americano
 - Movimentos terroristas que invocam o Marxismo
 - 1.3. Descrição resumida do Marxismo
2. - Observações críticas
 - 2.1. Marxismo como herança do Humanismo
 - 2.2. Marxismo como doutrina social
 - 2.3. Marxismo como filosofia da História
 - 2.4. Marxismo como um sistema mental político em países comunistas
 - 2.5. Marxismo como escatologia bíblica
 - 2.6. Marxismo e a Família franciscana

C. Atitude franciscana frente ao poder político e econômico

1. - Francisco, Clara e o conflito político-econômico
 - 1.1. O sistema do poder
 - 1.2. O sistema do dinheiro



2. - Justiça e liberdade como preocupações franciscanas centrais
- 2.1. Liberdade
- 2.2. Justiça
- 2.3. O movimento franciscano: semente de uma nova cultura política
 - Uma sociedade solidária
 - A importância daquilo que é singular e único
 - A visão franciscana do ser humano
 - Nova intuição
 - Auto-consciência comunitária

IV. Exercícios

V. Aplicações

VI. Bibliografia

VII. Legendas das Ilustrações



MARXISMO

A crítica mais acerba dirigida contra o Capitalismo foi feita por Marx e seus seguidores. Não é para se estranhar, portanto, que o Marxismo continua sendo, até os nossos dias, a esperança do movimento trabalhista e das classes mais pobres, que têm do Marxismo uma visão “quase messiânica” (Puebla 210), esperando dele a transformação favorável e definitiva de sua situação social. Esse “messianismo” já existiu no pensamento de Marx, cujas raízes judaicas e protestantes o fizeram propenso a essa visão, explicando-a em parte.



O recente colapso do Comunismo soviético, que se entendeu a si mesmo como a realização das idéias marxistas, acabou abalando essa esperança. Mesmo assim, muitos que não querem conformar-se com a atual hegemonia do Capitalismo, continuam convencidos do valor do Marxismo. Será que se trata de ideólogos incorrigíveis, incapazes de desistirem das suas ilusões? Ou será que a análise marxista do Capitalismo, com seus projetos alternativos, continua válida?

Basta colocar esta pergunta, para imediatamente encontrar-se envolvido numa discussão intensa. A violência com a qual se discute o fenômeno do Marxismo não é recente, mas faz parte mesma da história do Marxismo.





Marxismo, o que significa?

1.

Convém, portanto, perguntar em primeiro lugar, o que se entende pelo termo “Marxismo”. A resposta a essa pergunta tem que ser bastante diferenciada. Por isso, será necessário avançar passo a passo.

Karl Marx

1.1.

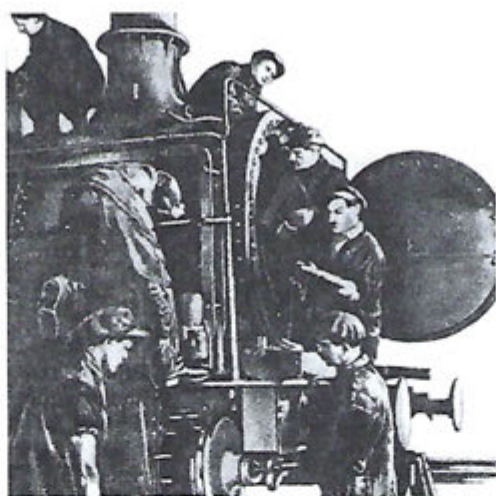


Karl Marx nasceu em 5 de maio de 1818, na cidade alemã de Trier. Seus pais eram judeus. Apesar deste fato, seu pai, o advogado Heinrich (Heschel) Marx, deixou batizar o menino quando tinha seis anos de idade. O aluno Karl foi matriculado, como sendo de religião protestante, na escola pública e depois no ginásio humanista de Trier, sua cidade natal. Ele continuou seus estudos acadêmicos nas universidades de Bonn e de Berlim, onde recebeu o título de

Dr. Philosophiae. Naquelas duas últimas cidades, tomou conhecimento das correntes intelectuais do seu tempo, analisando-as criticamente. Dois encontros, sobretudo, foram decisivos para a evolução futura do seu pensamento.

• O encontro com Hegel, os Hegelianos e o Idealismo alemão

O elemento da doutrina de Hegel que mais atraiu e convenceu Marx era o método de pensar em alternativas contrastantes (tese/antítese). Este modo de proceder filosoficamente não abriu apenas à profundidade de novos conteúdos, mas possibilitou também uma reconciliação de posições antagônicas num nível superior (= síntese). Assim, Hegel teve a audácia de abordar questões tão difíceis como a dependência do ser humano e sua liberdade, o valor da doação pessoal ou da auto-realização, a imutabilidade de Deus e sua encarnação.



Segundo Hegel, a idéia pura ou absoluta (= Idealismo), comumente chamada de Deus ou divindade, realiza-se no espaço e no tempo real, servindo-se para esse fim tanto da natureza material, como também do espírito humano finito, cujas formas mais elevadas são, para Hegel, o Estado, a Arte e a Religião, nesta ordem de seqüência.

Marx substituiu a "idéia" por "matéria" e o "idealismo" pelo "materialismo" de cunho particular, elevando o materialismo ao nível de um princípio do ser (= materialismo histórico). Segundo Marx, portanto, o princípio superior não é o espírito (a idéia mas a matéria. A natureza e a pessoa humana são expressões da matéria, que encontram sua forma mais elevada não tanto no Estado, na Arte ou na Religião, como formulou Hegel, mas sobretudo na atividade criativa, na "praxis" do ser humano, dentro de uma sociedade comunista¹, isto é, uma sociedade sem classes.

Segundo Marx, essa sociedade sem classes seria historicamente o ponto de saída de toda futura evolução social, representando também seu termo final. De um certo modo, temos perdido o paraíso e devemos redescobri-lo; vivemos no estrangeiro (= alienação) e temos que reencontrar a pátria.

Resumindo, podemos dizer que, para Marx, a história da humanidade não somente reflete o abandono constante de um ideal, mas contrapõe-se a seu destino original. As expressões mais flagrantes dessa evolução negativa seriam, segundo Marx, a propriedade privada e a sociedade classista, assim como também a separação entre capital e trabalho.

O fato de que Karl Marx apostava nas massas proletárias², como agentes para restituir uma sociedade sem classes, tem para Marx uma causa prática, pois é delas que esperava o dinamismo capaz de desencadear uma revolução que lhe parecia absolutamente necessária. Porque são eles os que mais sofrem na sociedade classista sob o estigma da exploração e da alienação.

• Amizade com Friedrich Engels



O estudo metódico da economia nacional e das correntes intelectuais do seu tempo, assim como a amizade com Friedrich Engels, ajudou a Karl Marx descobrir relações sociais que foram, para ele, de importância decisiva.

A intuição de que existe uma relação íntima entre fatos e processos, tanto econômicos como sociais, ofereceu a Marx as ferramentas para criar um movimento historicamente singular, cujo prelúdio foi o "Manifesto comunista" de 1848, redigido em comum por Marx e Engels. Com seu "Marxismo", Marx era o primeiro a dar ao mundo operário uma autoconsciência como classe social. A partir daí, o Marxismo serviu para muitos como base para uma

¹ Em latim: *communis* = em conjunto, igual

² Em latim: *proles* = filhos



orientação espiritual, representando uma espécie de religião. Isto não é para se admirar, uma vez que a Igreja se encontrava do lado da ordem política e econômica estabelecida naquela época. Assim a Igreja não era capaz de invalidar a suspeita de estar unida “aos de lá em cima”, fazendo os trabalhadores esperar um “além feliz”, em vez de tomar o partido deles.

Essa impressão ficou ainda mais forte, porque os princípios da doutrina social da Igreja foram formuladas somente cinquenta anos depois da publicação do “Manifesto comunista” sendo, em seguida, ou aplicados a contragosto, ou não sendo levados em consideração de todo.

Evolução do Marxismo

1.2.

• O jovem Marx

Na primeira fase de sua vida, Marx representava um humanismo incondicional, “uma doutrina surpreendentemente rica e multiforme”, segundo as palavras do filósofo russo A. Ignatow. Escutemos o próprio Marx dizer: “A origem do homem é o próprio homem. A crítica da religião culmina na doutrina de que o homem é o ser mais sublime para o homem, portanto termina no “imperativo categórico”³, para derrubar todas as circunstâncias nas quais o homem representa um ser rebaixado, oprimido, abandonado, desprezível...” (Primeiros escritos 76).

Nesta frase afirma-se que o ser humano constitui o valor absoluto para si mesmo. Portanto, ele não é submisso a forças sociais, nem a leis econômicas. O humanismo representado por Marx é, na opinião dele, “a abolição positiva da religião”. Em outras palavras, aquilo que a religião procura alcançar é alcançado de fato quando o ser humano respandece em toda sua dignidade autêntica. Esta convicção torna-se compreensível ao considerar que, naquela época, a religião se apresentava através de uma Igreja que estava do lado dos poderosos, consolando os pobres apenas com a promessa de uma vida



³ O mandamento incondicional do filósofo E. Kant, que formulou: “Age de tal modo que o seu modo de proceder possa servir de ponto de referência para o agir de todos os outros.”

melhor num “além feliz”. A convicção de que a dimensão religiosa é fundamentada de maneira inextinguível na essência do ser humano ainda não era reconhecida e aceita naquela época.

Em todo caso, a revolução da qual Marx falava “*não seria apenas um acontecimento social, mas uma revolução metafísica (= religiosa) e um acontecimento escatológico (= prenúncio do fim dos tempos)*” (A. Ignatow 49).

Esta idéia é simbolicamente representada pela figura de Prometeu⁴, o herói da mitologia grega, que não se conformava com situações preestabelecidas, mas arrancou o fogo das mãos dos deuses, trazendo-o do céu para a terra. Por isso, Marx o considerava “*o santo e mártir mais sublime do calendário filosófico*” (Textos para o Método 130).

Os escritos do jovem Marx foram redescobertos somente pouco a pouco. Depois que a fase desumana do Comunismo se manifestou, muitos queriam recorrer a esses escritos. Os marxistas ortodoxos, porém, impediram que isto acontecesse, alegando que Marx não era ainda um verdadeiro “marxista” quando escreveu essas palavras. Ainda na última fase da des-stalinização⁵, recorrer aos escritos do jovem Marx foi considerado uma “heresia imperdoável e revisionista⁶”. Também marxistas da Europa Ocidental, como p.ex., o francês L. Althusser, eram da opinião de que “*a primeira fase do Marxismo não pertence ainda ao Marxismo propriamente dito, pois aos escritos do jovem Marx faltava a maturidade. Portanto, recorrer a esses escritos seria recuar, dando um passo para trás*” (Ignatow 53).

• O Marx maduro

O encontro com Friedrich Engels desencadeou uma mudança essencial no modo de pensar de Marx. Segundo a percepção de quem observar essa transformação, ela pode ser considerada ou um “amadurecimento”, ou uma “traição”. Pois neste ponto, os próprios marxistas estão em desacordo.

Entre outras coisas, Karl Marx assumiu do pensamento de Engels, uma fé inabalável no valor tanto da ciência como do progresso, mas também uma imagem da pessoa humana bastante reduzida, negando a dimensão metafísica da natureza humana. Ele vê a pessoa humana dependente e submissa a condições sociais, sobretudo econômicas. Portanto, o homem é mais o produto destas condições do que o senhor delas. Em consequência, toda a atenção se concentra nas condições econômicas. O homem em si já não está no centro do interesse, o indivíduo sai da história.

Tudo isto, por enquanto, estava no pensamento teórico. Na vida prática, porém, levou a consequências assustadoras. O homem torna-se um mero objeto, que o Partido (comunis-

⁴ Na língua grega, Prometeu é aquele que prevê. Trata-se de um titã da mitologia grega, considerado um benfeitor da humanidade e um criador da cultura.

⁵ Um processo que iniciou durante o 20º Congresso do Partido Comunista na União Soviética (1956), que se afastava do legado filosófico e político de Josef Stalin.

⁶ Modificação ilícita de uma doutrina.



ta) pode manipular e reformar à vontade. Sob Stalin, que levou essa tese aos seus extremos, o Marxismo de Bucharin⁷ entrou numa crise. Circulava o boato de que Bucharin teria dito: *“Já é tempo de acabar com a interminável discussão sobre a economia e ocupar-se, finalmente, com a questão que trata do ser humano”* (Ignatow 51).

Por suas convicções, Bucharin foi encarcerado. Na prisão, escreveu estudos filosóficos que insistem, com toda força, na importância da essência humana.

- **O Comunismo de Lenin, Mao, Tito, Fidel Castro etc., também denominado de “Marxismo oriental”.**

A subordinação do homem às condições sociais existentes tornou-se ideologia estatal sob Lenin e outros expoentes. A dominação ilimitada do Partido comunista, inicialmente concebida como uma “ditadura do proletariado”, levou a um sistema totalitário, desprezando o ser humano, para acabar no *“Arquipélago Gulag”*, onde um número incalculável de pessoas foi preso, torturado e massacrado (cf. Alexandre Solschenizyn).

Dogmatismo na ciência, falta de liberdade no pensamento, intolerância frente a pessoas de outras convicções são alguns dos traços característicos que marcam o assim-chamado Marxismo oriental. Tudo é subordinado ao fim de construir uma sociedade sem classes, supostamente entendida como um estado de bem-estar generalizado.

Portanto, o fim justificava os meios; o indivíduo foi sacrificado no altar da História. Aquilo que Leo Trotzki disse, referindo-se à família do czar, foi elevado a um método do Marxismo oriental, a saber: *“O inexorável ajuste de contas mostra a todos que nós estamos decididos a travar uma luta sem piedade e sem recuar diante de nada. A execução do czar e de sua família era necessária não apenas para meter medo no adversário, assustando-o e privando-o de qualquer esperança, mas para sacudir as pessoas nas nossas próprias fileiras, mostrando-lhes que já não é possível recuar”* (Trotzki 112ss.)

Tudo isso evidencia até que ponto de barbárie chega, quando um alvo moral sublime (= a felicidade) é procurado através de meios imorais (= violência, terrorismo, massacres). O



⁷ Político e teórico da economia na União Soviética (*1888, +1938). Como membro do Politburo, apoiava a política de Stalin, acabando, porém, denunciando a coletivização e a industrialização forçadas. Denunciado por ter se afastado do “partido autêntico” de Stalin, Bucharin foi excluído, perdendo todos os seus cargos em 1929 e foi executado em 1938. Em 1956, houve a sua reabilitação.

fato de que uma tal violência é capaz de dirigir-se contra si mesmo é demonstrado pela poesia de Wladimir Majakowskij (citada por Ignatow 78):

*“Também a mim, a arte do “Agitprop”⁸ repugna.
Houve tempo quando também eu escrevi poemas
sobre o corte dourado e ramos de lilás.
Isto, pelo menos, seria algo
para encher a caderneta de cheques e a alma.
Mas me contive
e com respiração trêmula,
pisei no meu própria canto, esmagando-o.”*

Portanto, os próprios representantes mais autênticos do sistema eram obrigados a fazer os mesmos sacrifícios impostos aos seus adversários. Por isso, fala-se também de um “Marxismo asteca”, a saber, algo que parecia fascinar astecas, assim como foi descrito por Ernesto Cardenal (cf. seu diário sobre Cuba).

• O Marxismo ocidental

O termo “Marxismo ocidental” engloba uma quantidade de interpretações da filosofia de Marx que se orientam segundo os ditames do Comunismo, às vezes sem exercer crítica nenhuma, e outras vezes chegando a uma crítica extrema que levava à ruptura aberta. Assim, quase todos os dogmas formulados pelo Comunismo são assumidos, mudados ou acentuados, respectivamente.

Essencialmente, o Marxismo ocidental se distingue do Marxismo oriental porque se nega a aceitar o domínio absoluto do Partido (comunista) sobre o Estado. Antes, seu alvo é a libertação do ser humano de todas as alienações, a humanização da sociedade e fundamentalmente a edificação de uma felicidade terrestre. Os representantes desta forma de Marxismo querem apontar caminhos que levam à felicidade, cujos frutos se alcançam já no presente e não representam algo que se possa desfrutar apenas num futuro longínquo.

Isto distingue o Marxismo ocidental do oriental. Por causa disso, Ignatow chama essa versão de Marxismo de “hedonista”⁹. Uma série de nomes ilustres pertence a esta categoria de Marxismo: A. Gramsci na Itália (1891-1937); G. Lukacs na Hungria (1885-1971); L. Kolakowski na Polônia (* 1927); L. Althusser (1918-1990) e R. Garaudy (* 1913) na França; E. Bloch na Alemanha (1897-1977) e W. Reich na Áustria (1897-1957). Seria possível escrever biografias fascinantes sobre cada um destes personagens.

⁸ *Arte de agitação e propaganda, a serviço da política do Partido.*

⁹ *Na língua grega: hedoné = prazer, entendido como fim da vida*



• Correntes espirituais influenciadas por Marx

A essa categoria pertencem pensadores e grupos que foram influenciados consideravelmente por Karl Marx, mantendo, porém, idéias independentes. A filosofia social de Jean Paul Sartre (1905-1980), a psicanálise de Erich Fromm (1900-1979), a filosofia de Bertrand Russel (1972-1970), a teoria crítica da Escola de Frankfurt (Max Horkheimer: 1895-1973; Theodor W. Adorno: 1903-1969; Jürgen Habermas: 1929; Herbert Marcuse: 1898-1979) são alguns destes nomes que se designam a si mesmos como defensores de um humanismo radical, aproximando-se de Karl Marx em muitos elementos.

Nos últimos decênios, eles conseguiram marcar consideravelmente o modo de pensar do mundo ocidental, influenciando também os filósofos do hemisfério sul.

Por causa do seu engajamento em prol dos trabalhadores, por serem os membros mais fracos da sociedade, há ainda outros movimentos socialistas ou social-democratas que são contados como fazendo parte dos seguidores do Marxismo, apesar de terem somente uma ligação muito tênue com Marx, ou até mesmo nenhuma ligação concreta.

• Marxismo no Terceiro Mundo

Em conseqüência da evolução independente do modo de pensar e de situações sócio-políticas especiais, desenvolveram-se na América Latina, na África e na Ásia diversas variantes do Marxismo ou do Socialismo, respectivamente. Julius Nyerere, por exemplo, desenvolveu um socialismo tanzaniano baseado na *Ujamaa* (= família maior). Seguiram tentativas autóctones parecidas em Zimbábue e no Egito, enquanto que Angola, Moçambique e Etiópia procuravam adotar o Marxismo soviético.

Na África, ainda outros movimentos marxistas e socialistas orientaram-se de vários modos segundo esses modelos.



A Ásia é dominada pela China, o país comunista com a maior população mundial. O caminho próprio do seu Comunismo, inventado por Mao Tse Tung, levou a sérias tensões com a União Soviética, que alegava guardar a herança mais autêntica da doutrina de Marx. Esses dois modelos comunistas, a saber, o Maoísmo chinês e o Comunismo soviético, influenciaram de diversas maneiras os outros países asiáticos. Por enquanto, não se manifestaram formas absolutamente novas do Marxismo na Ásia.

Uma vez que o Marxismo latino-americano marcou o pensamento religioso e teológico, vamos analisá-lo um pouco mais a fundo, pois chegou a exercer uma influência considerável no mundo inteiro através de várias formas da Teologia de Libertação.

• O Marxismo latino-americano

Para entender esta variante do Marxismo, é preciso conhecer a história. Não foram intelectuais que levaram o Marxismo à América Latina, mas trabalhadores europeus que emigraram para esse continente. No princípio, eles não difundiram uma doutrina, mas uma certa esperança. Também não foram idéias de Marx que eles propagaram no início, mas os pensamentos de M. Bakunin (1814-1876). Sob as condições sociais existentes na América Latina, esses pensamentos se propagaram de maneira difusa e não como uma teoria já feita.

No início, Bakunin era um aliado de Marx, mas depois seguiu seu próprio caminho. Queria fundar uma ordem social baseada na liberdade ilimitada do indivíduo e segundo os princípios da justiça, da igualdade e da fraternidade. Somente em casos extremos admitiu o uso da violência e do terrorismo como meios para conseguir impor o Comunismo. Foram, portanto, as teorias de Bakunin que levaram à formação dos primeiros partidos comunistas na América Latina.

O fato de que Karl Marx chegou depois a exercer uma influência na América Latina deve-se, sobretudo, à sua solidariedade com o homem oprimido. *"Karl Marx morreu. Uma vez, porém, que ficou do lado dos fracos, ele merece reconhecimento"*, são palavras de **José Martí**, revolucionário e escritor cubano, escritas em 1883, no jornal argentino *"La Nación"*. Desde o início do século XX, aquilo que fascina na pessoa de Marx é a sua "opção pelos pobres". Entretanto, José Martí já havia feito uma crítica ao Marxismo que continua válida



até hoje, pois opõe uma solução mais branda à solução "dura" da "luta de classes", por achar alarmante a sugestão de o homem ter que fazer caça aos seus semelhantes. Segundo a opinião de Martí, Marx sugeriu esse caminho, porque ainda não viu claro que *"no decorrer da história, nem do seio de um povo, nem do seio de uma mulher em seu lar, podem surgir filhos aptos a vencer na vida, a menos que sejam frutos de uma evolução natural e esforçada"* (citado por Fornet-Betancourt 26).



Somente a revolução de outubro de 1917, desencadeada por Lenin, fez de Marx o motor mais importante dos partidos comunistas, ou já existentes ou recém-formados na América Latina. Na maioria, assumiram a interpretação leninista do Marxismo, permanecendo, historicamente falando, insignificantes.

Diferentes foram os inícios de um Marxismo autenticamente latino-americano. Sobretudo, é preciso lembrar o nome de **José Carlos Mariátegui** que desenvolveu um programa marxista nos anos 1928-1930 sem invocar raízes européias, mas surgindo do contexto peruano. Ele é considerado o “primeiro marxista latino-americano”.

Na maioria dos países do continente latino-americano já havia personalidades que pensavam de maneira semelhante. Mariátegui recusou um Marxismo dogmático, cujo conteúdo se devia aceitar e propagar incondicionalmente. Segundo ele, esse tipo de Marxismo rígido pertencia ao século XIX, não tendo validade no século XX. Para ele, o Marxismo é, sobretudo, um “método” pelo qual se pode analisar a realidade latino-americana. Ele definiu: *“O único caminho que há, para poder continuar e/ou superar Marx, consiste em usá-lo como um método e não como uma doutrina”* (citado por Fonet-Betancourt 107). Naturalmente, isso significava, do ponto de vista soviético, uma heresia.

Mariátegui explica ainda o que se deve entender sob a fórmula de um “método marxista”, a saber:

- a discussão de certos problemas
- sob o aspecto da exploração econômica e social,
- a partir da posição dos explorados,
- com o fim de transformar essa situação,
- eventualmente por meios revolucionários.



Já entre os anos 1928 e 1930, Mariátegui escreveu certas frases que poderiam ter sido escritas hoje: *“Constatamos que o sistema econômico e político que combatemos se transforma, pouco a pouco, em um instrumento de colonização do país, através do Capitalismo estrangeiro. Por este motivo, defendemos a convicção de que não é possível hoje em dia ser um nacionalista ou revolucionário, sem ser igualmente um socialista”* (citado por Fonet-Betancourt 109ss.).

A posição de Mariátegui é tanto mais significativa, como antecipava posições cujo verdadeiro alcance é possível avaliar somente depois do colapso do Comunismo soviético. É para se lamentar que não encontrou seguidores diretos na América Latina. Pelo contrário, os marxistas latino-americanos foram endurecendo-se na linha do Leninismo-Stalinismo, sobretudo na época da “guerra fria”¹⁰.



Para o Marxismo na América Latina, a maior importância deve ser atribuída à revolução cubana de **Fidel Castro**, que aconteceu no ano de 1959, quando surgiu um movimento revolucionário capaz de desencadear conseqüências no continente inteiro.

A vitória de Fidel Castro fornece, em primeiro lugar, uma ocasião para recordar o Marxismo do tipo difundido por Mariátegui. Por exemplo, no ano da revolução cubana, o brasileiro Leôncio Basbaum escreveu: *“A tarefa que nós marxistas modernos temos que cumprir é libertar o Marxismo do dogmatismo, para que possa superar*

o atraso que sofreu em relação à evolução histórica. Essa tarefa consiste, portanto, na tarefa de pensar o Marxismo em antagonismos... O Marxismo tem que ser repensado e re-adaptado diariamente, de acordo com os fatos, as novas descobertas científicas, as transformações da realidade social. Possivelmente, essa tarefa representa o legado mais importante de Marx.”

Com essa afirmação, ele recorda as experiências dolorosas pelas quais certos marxistas independentes tiveram que passar. Ele continua: *“Temos que conseguir para nós, Marxistas, o direito de criticar o Marxismo, sobretudo aquela versão do Marxismo que circula hoje em dia, sem sermos, por isso, “excluídos” ou “depurados”. Outra tarefa a qual nós, Marxistas, temos que nos dedicar é impedir que o Marxismo se torne irracional”* (citado por Fomet-Betancourt 227).

- *** Após a vitória de Fidel Castro, a conjuntura social e econômica do continente é analisada e interpretada progressivamente, em termos marxistas.
- *** A primeira edição completa das obras de Karl Marx em língua espanhola é editada em Santiago de Chile, no ano de 1960. No mesmo ano, Jean Paul Sartre dá conferências em Cuba e no Brasil sobre a relação entre Marxismo e Existencialismo. Em toda parte, foi muito aclamado, e seus pensamentos tornaram-se elementos essenciais de um Marxismo latino-americano.
- *** Depois da invasão falida dos cubanos exilados nos EUA, que procuravam invadir a “Baía dos Porcos”, a revolução cubana chegou a radicalizar-se, desencadeando movimentos solidários no continente inteiro. Fidel Castro declarou-se abertamente em favor do Marxismo-Leninismo. Sob a pressão dos EUA, Cuba é excluída da OEA (= Organização dos Estados Americanos) e castigada por um embargo que continua até

¹⁰ O confronto hostil entre os dois blocos militares no Oriente e no Ocidente, sem uso direto de armas.



hoje. Cuba torna-se uma vítima do conflito entre Ocidente e Oriente, que em 1962 quase chegou a desencadear uma guerra atômica.

- *** Em 1965, **Ernesto Che Guevara** publica o seu programa: “O socialismo e o povo de Cuba”.
- *** Em 1967, Che Guevara é assassinado na Bolívia.
- *** Em 1968, Fidel Castro deu uma conferência que ecoou como um despertar através da América Latina toda sem, entretanto, levar a conseqüências em Cuba: *“Sem dúvida nenhuma, nós nos encontramos diante de novos fatos, novos fenômenos. Sem dúvida, os revolucionários, a saber, nós mesmos que nos identificamos como marxistas-leninistas, temos a obrigação de analisar esses novos fenômenos, porque não poderia existir nada mais anti-marxista do que a ossificação do pensamento. Pois, há pensamentos apresentados em nome do Marxismo que parecem verdadeiros fósseis... O Marxismo tem que evoluir, ultrapassar uma certa paralisia, interpretar a atualidade de modo objetivo e científico, comportando-se como uma força revolucionária e não como uma Igreja pseudo-revolucionária. São esses os paradoxos da história. Quando observamos que setores do clero se convertem em forças revolucionárias, como podemos satisfazer-nos com o fato de que setores do Marxismo se convertem em forças da Igreja? Temos que refletir sobre isso e agir em sentido dialético...”* (cit. por Fomet-Betancourt 234ss.)

Estas frases se compreendem quando recordamos que a revolução de Fidel Castro recebeu apoio da Igreja Católica e até mesmo do Núncio Apostólico. Pois a Igreja entendeu a revolução cubana como uma reforma necessária da situação social, frente ao regime anterior.

- *** No mesmo ano, uma “junta revolucionária”, próxima do Marxismo, assumiu o governo no Peru.
- *** Em 1970, **Salvador Allende** é eleito o primeiro presidente marxista do continente, através de um processo democrático.
- *** Em 1979, a **revolução popular sandinista**¹¹ é vitoriosa na Nicarágua.



¹¹ O movimento assume o nome de Sandino, lutador vitorioso pela libertação da Nicarágua das forças de ocupação dos EUA. Durante as negociações pela paz (1934), Sandino foi assassinado pela guarda nacional da Nicarágua.

Pelos seus traços marxistas, confere uma nova qualidade ao diálogo entre cristãos e marxistas.

Em meados dos anos 60, a situação econômica da América Latina se agrava de modo assustador, até então nunca vista. Em todo o continente, esses novos dados levam a uma reorientação do pensamento sócio-político no sentido marxista. Para a América Latina, a Comissão Econômica da ONU formula a assim-chamada “Teoria da Dependência”, afirmando que a miséria no Terceiro Mundo é a consequência imediata de sua exploração pelos países industrializados do hemisfério norte (cf. Lição 20).

Na América Latina, a evolução da Igreja Católica se adapta igualmente a essas circunstâncias. Em 1968, reúne-se em **Medellin** a II Conferência do CELAM (= Conferência Geral do Episcopado Latino-Americana), com o fim de aplicar os pronunciamentos do Concílio Vaticano II à realidade do continente. Isto acontece a partir de duas palavras-chave: a “opção pelos pobres” e a “salvação como libertação integral”.

Para descrever a situação de injustiça, experimentada como cativo e falta de liberdade, a então formulada “Teologia da Libertação” (cf. Lição 20) se serve das ciências sociais que, por sua vez, utilizam termos metodológicos empregados pelo Marxismo. Assim, a Teologia da Libertação torna-se um lugar onde o método marxista encontrou uma aplicação legítima e natural. Isto vale igualmente para a doutrina social da Igreja.

Aliás, a acusação que afirma que a Teologia da Libertação se baseia no Marxismo dogmático é falsa. Isto é evidenciado pelo fato de que os marxistas latino-americanos se recusam a aceitar esta teologia.



Além de Fidel Castro, **Che Guevara** é o marxista latino-americano mais proeminente. De maneira consequente rejeita o dogmatismo marxista. Também para ele, o Marxismo representa apenas um método, uma “orientação para a ação”, uma maneira criativa para transformar a realidade. Segundo Guevara, o Marxismo precisa continuamente manter-se numa atitude crítica. Para ele, não existe uma doutrina definitiva, a ser mantida a todo custo: *“A única forma que leva à superação de erros cometidos consiste em desmascarar esses erros, admitindo-os publicamente. A única forma revolucionária é a análise aberta dos erros, a saber, a discussão sobre nossos próprios erros, sobre os erros da nossa organização, para tirar daí novas consequências. Não se deve ter medo de confrontar-se com a realidade...”* (cit. por Fomet-Betancourt 247).

Sem dúvida, esse tipo de partido comunista representa um papel especial, definido de maneira diferente do Leninismo: *“O Partido do futuro será intimamente unido às massas, recebendo delas as grandes inspirações. Em consonância com o centralismo democrático¹², será um partido que aplicará de maneira consequente à sua disciplina, além de manter sempre*

¹² Sob esta centralização se entende a liderança do Partido nomeada através de eleições.





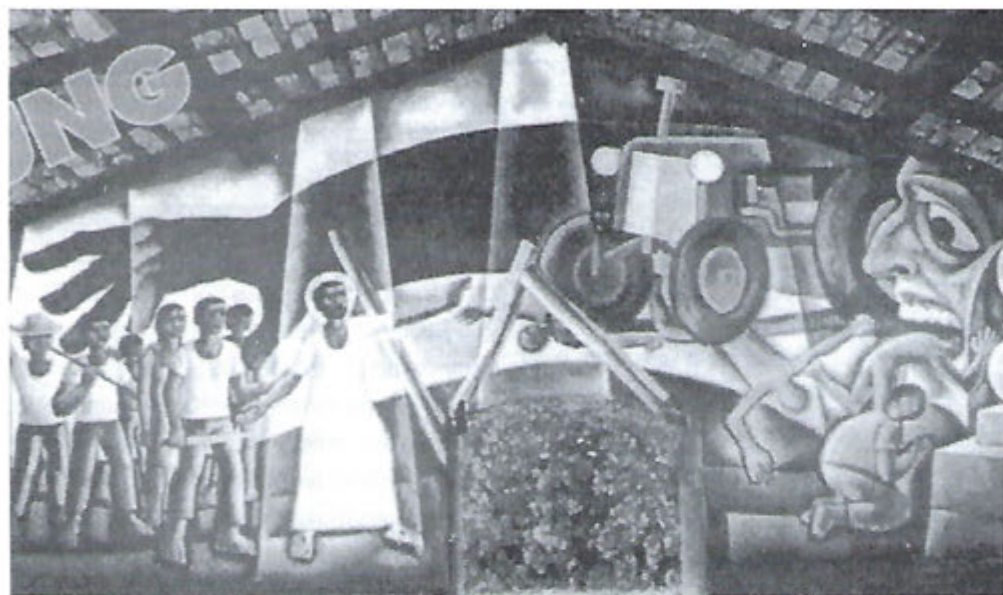
aberta a discussão, a crítica e a autocrítica... Pois, nunca se deve esquecer que o marxista não é uma máquina automática ou um fanático..." (cit. por Fornet-Betancourt 247).

Para Che Guevara, o ser humano está no centro de tudo. O Marxismo, portanto, representa um método de auto-libertação. Daí deriva um programa de formação. A escola torna-se o instrumento mais importante para conferir ao ser humano a consciência de si mesmo, construindo desta maneira uma sociedade realmente comunista. Em contraposição ao Leninismo, não se trata de uma elite ou de um partido "esclarecido", impondo seu saber a

todos os outros. Pelo contrário, a educação é um instrumento da dinâmica social. Se Che Guevara, apesar desta posição, apelou à revolução armada, isto aconteceu por causa das estruturas injustas que deviam ser superadas para que o ser humano pudesse desenvolver-se. Muito interessante é o caminho seguido por **Ernesto Dussel** (* 1934), historiador e professor de filosofia. Como católico de nacionalidade argentina, ele era marcado, antes de mais nada, pelo "afeto anti-marxista" (Fornet-Betancourt 272), a saber, o Cristianismo e a Marxismo eram para ele duas orientações absolutamente irreconciliáveis. A partir de 1976, porém, ele começou a estudar de maneira mais atenta as teorias de Karl Marx, tornando-se testemunha importante de um caminho marxista autônomo para a América Latina. Sua autoconsciência como "marxista" deve ser entendida num sentido genuinamente latino-americano, marcado pela sua rejeição radical do dogmatismo de tipo europeu: "Trata-se de uma discussão criativa no sentido de uma continuação da teoria de Marx que continua sendo marxista por não trair a sua lógica... O Marxismo latino-americano é criativo, porque se abre a novos horizontes, desconhecidos a Marx..." (cit. por Fornet-Betancourt 287). Também para Dussel, o Marxismo representa um método e não uma doutrina. Isto toca sobretudo duas esferas problemáticas:

- *** A dependência dos países subdesenvolvidos dos países industrializados (= crítica do Capitalismo) e
- *** a libertação dos povos de uma dependência servil.

A discussão entre os marxistas propriamente ditos, entre eles e os não-marxistas, entre Marxismo e a Igreja, levou na América Latina a uma "cultura de luta", que chegou a ter



uma importância generalizada. Pois, na América Latina elaborou-se uma forma de Marxismo que já não tem nada a ver com as formas europeias. É preciso recordar isso cada vez quando se trata de avaliar o Marxismo e a Teologia da Libertação.

• Movimentos terroristas, que invocam o Marxismo

Enquanto as diferentes formas do Marxismo latino-americano apresentadas nesta lição se limitam a uma discussão teórica, mantendo-se abertas a uma colaboração com forças progressistas da sociedade, existem também certos grupos e movimentos que recorrem à violência e ao terrorismo, para conduzir a uma sociedade "melhor".

O uso da violência e do terrorismo, como meios para reconstruir a sociedade, não está fundamentado em razões políticas, mas surge muitas vezes a partir do desespero causado pelas circunstâncias. Nestes casos, referir-se ao Marxismo é meramente superficial. Alguns exemplos seriam, entre outros, o "Sendero Luminoso" no Peru; Pol Pot na Camboja; a "Brigada Rossa" na Itália; a "Fração do Exército Vermelho" (= Rote Armee Fraktion) na Alemanha; assim como o "P.K.K." dos curdos na Turquia e no Iraque.



Finalmente, é preciso recordar que, nos moldes do conflito entre o Ocidente e o Oriente, muita gente foi forçada a unir-se ao campo socialista para distanciar-se e libertar-se de um passado colonial. Nestes casos, o apelo ao Marxismo corresponde mais a uma etiqueta exterior do que a uma verdadeira convicção.

Descrição resumida do Marxismo

1.3.



“Que justificação temos para podermos considerar como “marxistas” tantas doutrinas entre si tão contrastantes, que todas igualmente invocam o nome de Marx? Como submetê-las todas ao mesmo denominador comum? Pois, todos os marxistas aderem a um núcleo de concepção que é, porém, muito mais estreito do que se pensava.

Segundo o nosso parecer, uma doutrina é “marxista”, quando afirma que é possível e necessário superar a separação em classes, a exploração, a injustiça, os contrastes políticos, sociais, nacionais e culturais e, em consequência, os sofrimentos da humanidade que têm raízes sociais, para superá-los alcançando uma sociedade harmoniosa, não alienada, livre de conflitos.

Todos os marxistas partilham o mesmo ideal, esperando uma situação de bem-estar social, uma era “dourada” já neste mundo, uma transfiguração que deve acontecer ainda nesta vida, um estado definitivo paradisíaco, alcançado dentro dos parâmetros da sociedade” (Ignatow 20).

Em termos gerais, pode-se dizer que o Marxismo se apresenta como uma escatologia sócio-política secularizada, ou seja, a expectativa de um fim definitivo da humanidade, desligado da religião, que colocará a humanidade inteira num estado de felicidade geral. As várias formas do Marxismo se distinguem apenas pelos caminhos que escolhem para chegar a esse fim.



O que foi exposto até agora a respeito de Karl Marx e as variantes de suas teorias já deixou transparecer uma certa crítica fundamental. Pois, uma visão simplificada do ser humano e de sua história, mantida de maneira sistemática até o fim, vai necessariamente levar a incoerências.

A maneira como foi transposto ao campo político levou a conseqüências desastrosas. Não é possível chegar a uma humanidade plenamente realizada (representada por uma vida bem sucedida, vivida na liberdade e na justiça), quando esse ideal é baseado numa imagem falsa do ser humano. Sublimes alvos morais não se podem alcançar por meios imorais.

Neste sentido, o colapso do Comunismo europeu deve ser atribuído não apenas à incompetência e aos abusos praticados por seus líderes políticos, mas faz parte de uma lógica que se baseia em fundamentos insuficientes e princípios falsos.

Onde, porém, estas premissas são corrigidas, a crítica não é justificada. Não convém declarar o Marxismo morto antes do tempo. Pois, cientistas, pensadores e políticos de valor continuam evocando a memória de Karl Marx.

O Marxismo como herança do Humanismo

Vale a pena recordar: o jovem Marx se considerava um representante apaixonado do Humanismo. Em anos posteriores, ele entendeu o ser humano como produto de circunstâncias sociais. Marxistas modernos, porém, tendem a voltar a convicções do jovem Marx, acreditando que o homem representa o ser responsável pela construção da história. Também o próprio homem é objeto de transformação. O ser humano, ele mesmo, se propaga e evolui, representando o sujeito da história. O ser humano, sobretudo o pobre e explorado, é chamado a lutar contra todas as formas de opressão.



A história não se resume simplesmente na chegada a um certo destino, mas representa uma construção edificada em conjunto por toda a humanidade.

O Marxismo surgiu como um protesto contra a opressão da classe operária, empobrecida e explorada. Em conseqüência, ele representa para muitos marxistas modernos uma espécie de “mística”, uma experiência quase religiosa de liberdade e de luta, agindo num alto nível de responsabilidade humana e, conseqüentemente, também de ética. Esta forma de Marxismo se entende a si mesma como um ideal humanista de justiça e liberdade, não perdendo nada de sua atualidade.

Entretanto, o Marxismo deve recordar-se conscientemente de sua própria história, que seguiu em muitos pontos às teorias do Marx maduro, considerando o ser humano um mero produto da história. O texto de A. Ignatow, que citaremos em seguida, pode ser considerado exagerado ou unilateral, mas coloca, assim mesmo, o dedo na ferida:

“O fracasso do Socialismo real representa igualmente um fracasso de sua imagem do ser humano” (Ignatow 119). “Por este motivo, o fracasso do projeto antropológico comunista foi inevitável. De fato, teria sido um milagre se não tivesse fracassado, porque ignorava algo absolutamente fundamental: Ele não se deu conta de que a LIBERDADE é um componente imprescindível da auto-realização, do aperfeiçoamento e da felicidade do ser humano. Se o Comunismo tivesse realmente mantido as suas promessas, alcançando um certo bem-estar generalizado, mesmo assim, a humanidade sob seu domínio ter-se-ia sentido infeliz. O desastre econômico do bloco comunista oriental ficou sendo apenas mais um fator agravante da miséria psicológica, mas não a sua causa. A causa profunda do fiasco do Comunismo é de natureza metafísica: consiste no fato do Comunismo ter ignorado uma estrutura absolutamente fundamental do ser humano, a saber, a liberdade. É verdade que isto não é nenhuma novidade. Faz muito tempo que já se sabe que o Comunismo é contrário à “natureza humana”. Agora, porém, sabemos concretamente quais são as conseqüências do conflito entre a liberdade, como dimensão do ser humano, e o Comunismo;



e através de que mecanismos o Comunismo chegou ao seu desmoronamento” (Ignatow 125ss.).

O Marxismo como doutrina social

2.2.

O Marxismo é um sistema mental, com princípios, métodos, conhecimentos teóricos, que se desenvolveu em oposição ao Capitalismo. Enquanto o Capitalismo existir, haverá sempre também um Marxismo. Sobretudo na América Latina, o Marxismo oferece às modernas ciências sociais elementos de pesquisa, conceitos e métodos, capacitando-as a observar e analisar a realidade social.

Com toda razão, o Marxismo acusa o Capitalismo dos seguintes “dogmas”:

- A economia tem precedência sobre a política, a jurisprudência, a realidade social e sobre o modo normal de pensar e querer do ser humano.
- Um aumento de valor é medido apenas pelo aumento do lucro material.
- Para alcançar lucro, é inevitável permitir que haja pobreza.

O Marxismo como Filosofia da História

2.3.

O filósofo Karl Marx criticou duramente a filosofia do seu tempo, não estando, ele mesmo, isento de certos limites e cegueiras. Por exemplo, negou a existência da dimensão espiritual e religiosa da pessoa humana, pregando no seu lugar a fé na ciência e no progresso, de modo considerado ingênuo hoje em dia. Acreditava que seria possível captar e prever a evolução da natureza, do pensamento, da história e do futuro da humanidade por meios científicos, mesmo admitindo que não se trata de uma evolução linear, mas representada por saltos contrastantes. Esta doutrina dele recebeu o nome de “materialismo dialético”. Entre os princípios do materialismo dialético figuram os seguintes:

- Necessariamente, a história evoluirá através da “ditadura do proletariado” para chegar ao “reino da liberdade”. Em outras palavras, quando certos pré-requisitos aparecerem, o Capitalismo será derrubado pelo proletariado (= trabalhadores assalariados), que se imporá com força e violência, até que sejam criadas as condições necessárias para um novo mundo de liberdade para todos.
- Luta de classes e revolução são o “motor da história” a saber, a história poderá alcançar uma situação realmente humana somente através da insurreição das massas insatisfeitas.
- O Socialismo atribui a si mesmo o direito de ser considerado uma ciência. Ainda mais: uma ciência é ciência, apenas quando segue princípios socialistas. O mesmo



vale para o campo da literatura, da arte, da música, do esporte... Todas estas disciplinas foram exercidas “cientificamente” e sujeitas aos ditames da política socialista, às forças revolucionárias e à luta de classes.

Hoje em dia, já não é possível aceitar a maneira unilateral e generalizada com a qual estes princípios foram formulados. O fato, porém, de que a evolução social e o progresso espiritual freqüentemente acontecem através de tensões e saltos (= dialeticamente) hoje já faz parte do conhecimento geral da humanidade.

Outras idéias da filosofia histórica marxista já não têm consistência hoje em dia, porque as condições exteriores mudaram. Por exemplo, uma vez que, de modo considerável, a produção econômica ficou independente da mão-de-obra, a “ditadura do proletariado” perdeu pé. Portanto, já não é mais possível que uma “força revolucionária” surgirá do meio dos trabalhadores assalariados.

Ainda mais ultrapassada é a convicção de que a ciência perde em seriedade científica à medida que deixa de se submeter em todos os pontos aos ditames e alvos do Marxismo.

O Marxismo como um sistema mental político em países governados pelo Comunismo

2.4.

Para todos que tiveram que sofrer ou que continuam sofrendo sob um regime comunista, o Marxismo é sinônimo de ditadura e terror policial, de supressão das liberdades individuais, da democracia e da fé. A visão profética do “Manifesto comunista”, anunciando um Socialismo de justiça e igualdade para todos, foi derrubada pelos Estados que adotaram o sistema comunista.

A evolução falha do Socialismo real, pregado por Karl Marx, tem raízes desde os seus primórdios:

- *** descuidando do pensamento crítico em favor da “praxis”;
- *** rebaixando os direitos humanos, considerando-os teorias “burguesas”;
- *** sendo intolerante contra opiniões e convicções diferentes;
- *** recusando apaixonadamente outras formas de Socialismo;
- *** idealizando a classe operária
- *** e atribuindo aos líderes do Partido a função de pioneiros.



Tais convicções levaram de modo conseqüente ao terror estatal, alcançando dimensões terríveis sob Lenin, Stalin e Mao.

O Marxismo como escatologia bíblica

2.5.

Quem nega os desejos legítimos do Marxismo recusa também a visão bíblica de um futuro marcado pela justiça e felicidade. Não é possível insistir bastante no fato de que Karl Marx viveu de raízes bíblicas. Seus pais eram judeus, e ele mesmo era protestante. O engajamento dos profetas bíblicos, em benefício dos pobres e oprimidos, foi mais forte do que qualquer coisa que os marxistas pensaram ou fizeram neste sentido.

Karl Marx reconheceu o valor dos conteúdos que a Bíblia indica como alvos e objetivos da história, deslocando o fim da história, porém, para esta vida terrestre. Sobretudo, ele achava poder passar-se da existência de Deus, dizendo que o ser humano é capaz de alcançar o seu fim por suas próprias forças.

Mesmo que estas duas posições de Marx sejam falsas segundo a Bíblia, Marx continua sendo o parceiro natural num diálogo com os cristãos. Por isso, houve nos anos 60 e 70, em todos os continentes, tentativas de um diálogo sério entre teólogos cristãos e pensadores marxistas. Tais diálogos aconteceram, p.ex., em Munique com o famoso teólogo jesuíta Karl Rahner, em Viena com Cardeal König, no Chile com o movimento “Cristãos para o Socialismo” e Miguez Bonino, no Zimbábue com o presidente do país e o teólogo metodistas Canaan Banana, e em Bangalore com os irmãos Fernandes. Também na antiga Alemanha Oriental, cientistas marxistas procuraram desvincular-se de pensamentos ateístas, declarando, p.ex., que o ateísmo não faz parte do legado imprescindível do Marxismo. Muitos críticos do Marxismo não chegaram a enxergar a base comum, nem deram importância ao diálogo iniciado. A Teologia de Libertação, que procura identificar o núcleo válido do pensamento marxista, refletindo de maneira independente de Marx sobre conteúdos bíblicos, foi taxada e desqualificada injustamente como “marxista” por críticos independentes e também por instâncias da alta hierarquia da Igreja.

O grande sociólogo jesuíta, **Oswald von Nell-Breuning, SJ**, conselheiro dos Papas desde os anos 30 e um dos mais conceituados colaboradores na elaboração da Doutrina Social católica, escreveu um artigo que se tornou célebre, esclarecendo a posição da Igreja:

“Até agora, o Marxismo continua não sendo levado bastante a sério por nós. Para realmente conseguir diminuir a sua influência, ou mesmo superá-la, será preciso tratá-lo de um modo muito mais diferenciado do que normalmente acontece. Sobretudo, seria preciso distinguir entre os pontos seguintes:

1. Tudo aquilo que é incompatível com a fé em um Deus pessoal e com a fé cristã na revelação divina ficaria ipso facto inaceitável para nós.



2. Temos que opor-nos a certas afirmações de Marx, apesar de não estarem diretamente em oposição à doutrina da fé e da moral, quando nos parecem errôneas e perigosas por poderem induzir a atitudes ambíguas e discutíveis.

3. Pode haver também declarações de Marx, a respeito de assuntos econômicos, sociais ou políticos que, em si, são neutras. Aí será necessário distinguir entre aquelas que estão corretas e aquelas que, sendo parciais e insuficientes, têm que ser completadas por um conhecimento da matéria mais profundo e competente...

Em vez de diferenciar nitidamente entre esses três níveis e em vez de esclarecer os nossos interlocutores claramente à base de quais qualificações nós tentamos acautelá-los, preferimos muitas vezes condenar o Marxismo globalmente, e sobretudo a "análise marxista". Além disso, temos a tendência de acusar as pessoas de utilizarem a "análise marxista", sem nos darmos ao trabalho de explicar-lhes o que exatamente pretendemos dizer com essa acusação...

Continuamente os três pontos mencionados acima estão sendo confundidos e condenados, sem que tivéssemos informado as pessoas com antecedência sobre aquilo que Marx realmente ensinou. De modo que nem sabem contra o quê a gente está querendo preveni-los, nem quais as opiniões que elas teriam que abandonar por serem errôneas ou duvidosas. Muitas vezes, até se tem a impressão de que aqueles que estão emitindo tais advertências também não sabem exatamente de que estão falando. Neste caso, aquilo que desconhecem e ignoram lhes parece ainda mais perverso e assustador do que de fato é.

A análise marxista

A maior falta de clareza existe a respeito da assim chamada "análise marxista"... Muita gente que confunde as coisas assim, faltando contra o discernimento necessário, parece sucumbir à idéia preconcebida de que, quando se trata do Marxismo, não é possível distinguir entre os fatos e a sua valorização, justificando assim uma condenação global. Com efeito, de acordo com a doutrina cristã do "ser" e do seu "valor", os fatos, coisas e/ou valores que lhes são atribuídos não se podem separar com a nitidez necessária. Isto, porém, não deve nunca induzir-nos a confundir as coisas com o valor que lhes é atribuído, a ponto de taxarmos de "marxista" tudo aquilo que nos desagada.

O próprio Marx reconheceu a inteligência de eruditos (burgueses) que antes dele já preveniram contra a separação nefasta que se deu entre o trabalho caseiro e o trabalho empresarial, causando uma profunda transformação da sociedade. As intuições deles, porém, ficaram esquecidas, enquanto que as formulações de Marx sobre o mesmo assunto ficaram politicamente explosivas. Desde então, essas teses estão ligadas ao nome de Marx e estão sendo discutidas no mundo inteiro nos termos que Marx usou.

Não é direito acusar Marx dos fatos que ele analisou; ele, porém, errou realmente, quando confundiu esses fatos com suas próprias concepções ideológicas. A nós compete desembasar os fatos de novo desta confusão.

O nosso erro consiste no seguinte: em vez de retificar a interpretação errada que Marx deu aos fatos indiscutíveis, parecemos negar os fatos, eles mesmos, contra a evidência de nossa consciência. Aí damos a impressão negativa de estarmos interessados em manter um estado injusto das coisas. Uma atitude semelhante faz-nos pouco dignos de fé. Ainda mais, expomo-nos à objeção marxista de que a crítica verbal de Leão XIII contra o “jogo escravizador” (Rerum Novarum 2) foi muito mais forte do que a crítica deles. Por isso, acusam-nos de sermos desonestos quando queremos impedi-los de acabar com abusos que nós também teríamos a obrigação de criticar.

A luta de classes

Ademais, quando uma pessoa utiliza palavras como “classes”, “uma sociedade classista” e sobretudo o termo “luta de classes”, basta para ser suspeita de tendências marxistas...

Em 1931, na sua encíclica “Quadregesimo anno”, o Papa Pio XI distinguiu entre uma luta de classes condenável, por estar carregada de ódio e de inveja, de um outro tipo de luta de classes, baseada no desejo de justiça. Para este último cunhou a designação



“classium disceptatio”. De acordo com a sua opinião, a luta de classes que deve ser rejeitada poderia ser transformada sem hiato (“paulatim transire”) em uma disputa legítima. O Papa chamou uma luta assim desintoxicada não somente admissível, mas até necessária para chegar-se a uma sociedade sem classes (“principium esse potest et debet”) (QA 114). Durante muitos anos, esse pronunciamento tão importante não foi retomado em nenhum outro documento do magistério. Somente o Papa João Paulo II reformulou o assunto na sua encíclica “Laborem exercens” (1981), não nos mesmos termos, porém no mesmo sentido, quando fala que a luta dos sindicatos é uma luta pela justiça... Se a gente não tivesse esquecido ou ignorado os pronunciamentos esclarecedores da “Quadrogesimo anno”, então a palavra “luta de classes” não teria recebido falsamente um sentido condenável, taxando todos os que se engajam em prol da justiça como marxistas disfarçados.”

“Classe”

O conceito de “classe” quer designar um grupo maior que não se funda no total da sociedade, ou porque desfruta privilégios injustificados (“classe dominante”) ou porque não tem meios de contribuir ou participar plenamente no bem comum (“classe oprimida ou explorada”). De acordo com a opinião do Papa Pio XI, essa situação própria a uma sociedade capitalista, causada por uma separação indevida entre “trabalho” e “capital”, não é possível retificar simplesmente por motivos de razão. Pelo contrário, será necessária uma luta cerrada.

Segundo a teoria de Marx, a oposição entre as classes é absoluta em uma sociedade capitalista. Por isso, a classe oprimida há de usar violência para chegar a “liquidar” a classe dominante, inaugurando assim uma sociedade sem classes. De acordo com a doutrina cristã, porém, a oposição entre as classes constitui somente um fenômeno relativo, e por isso superável, quando a separação indevida entre “trabalho” e “capital” for superada e uma relação justa entre os dois estabelecida. Por este motivo, não é somente permitido, mas até obrigatório de se lutar para chegar a uma sociedade “livre de classes”, sem a necessidade prévia de se eliminar uma das duas classes. Essa é a posição de Igreja...

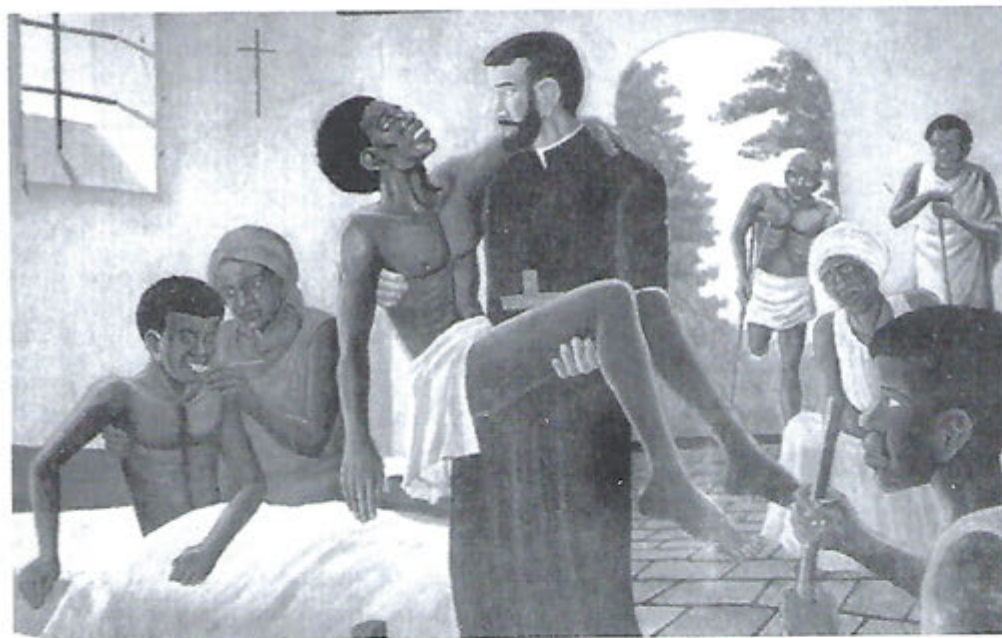
Conclusão

Enquanto continuarmos a rejeitar Marx e a sua terminologia globalmente, será inevitável que, simultaneamente, rejeitemos também aquilo que ele falou com razão incontestável. Desta maneira, nós nos colocaremos do lado errado, dando-lhe armas na mão. Somente se reconhecermos honestamente que o nosso adversário está com razão, cada vez que o for assim, estaremos invencíveis...” (Resumo do artigo de Oswald Nell-Breuning, SJ).

Se o Marxismo e o Cristianismo realmente têm raízes e visões comuns, então também a Família franciscana teria que encontrar traços análogos no Marxismo. Em todo caso, seria apta a distinguir e julgar criticamente as diferentes formas do Marxismo. Mas sobretudo teria que iniciar um diálogo com aqueles que se sentem inspirados pelo Marxismo para engajar-se por um mundo mais justo.

Depois do colapso do Comunismo na Europa Oriental, o escritor comunista Stephan Hermlin escreveu: *“Estou convencido que um escritor comunista é o herdeiro de todos os sonhadores e visionários, nomeando entre seus modelos, além de Marx e Lenin, também Francisco de Assis”* (cit. de Ignatow 140). Justamente, uma palavra assim deve estimular a discussão. Também para a Família franciscana, Francisco de Assis é *“um sonhador e visionário”*, mas simultaneamente ele viveu a solidariedade com os pobres por uma pobreza conseqüente e em fraternidade concreta. A Família franciscana teria que prestar atenção ao fato de que talvez o *“jovem Marx”* possa servir-lhe de modelo, mas certamente não *“o Marx maduro”*, e ainda menos Lenin.

Para chegar à superação da injustiça, uma colaboração entre pessoas que seguem o pensamento de Francisco e aquelas que aderem a Marx parece necessária. Se nós, franciscanos e franciscanas, fugirmos deste confronto por motivo de ignorância, comodismo ou medo, nós nos tornaremos culpáveis. De que maneira teriam que agir, isto os membros da Família franciscana devem decidir localmente.



O bispo Prof. Dr. R. Graber cita uma palavra que Lenin disse pouco antes da sua morte, dirigindo-se a um antigo colega dele: *“Eu me enganei. Sem dúvida, era necessário libertar uma massa infinita de oprimidos. Mas o nosso método desencadeou também outros tipos de opressão e terríveis massacres. Você sabe que estou morrendo e agora me sinto perdido num oceano formado pelo sangue de inúmeras vítimas. Para salvar a nossa Rússia, isto não era necessário. Mas agora é tarde demais para retornar. Precisaríamos de dez Franciscos de Assis.”*





Atitude franciscana frente ao poder político e econômico

C.

Além do Capitalismo e do Marxismo, chega agora a hora de perguntar qual é a relação que existe entre o Movimento franciscano e a sociedade civil.

Francisco, Clara e o conflito político-econômico

1.

Francisco não era nem revolucionário, nem sociólogo, mas ele desmascarou o sistema econômico e político do seu tempo. A sociedade na qual viveu estava marcada por rupturas profundas entre a nobreza e a burguesia (cf. Coleção de Perúgia 35, 2Cel 37), entre senhores feudais e servos, entre Assis e Perúgia, entre o Papa e o Imperador.

Repetidamente, essas rupturas levaram a insurreições e guerras. Clara, Francisco e o jovem movimento franciscano fundado pelos dois rejeitaram o sistema feudal dominante com suas estruturas de poder, mas ainda mais o capitalismo nascente, que adorava a riqueza e o dinheiro. Não é para se admirar que, no início, Francisco foi marginalizado e desprezado. Custou a ser reconhecido como profeta, o que, de fato, ele era.

O sistema do poder

1.1.

Francisco não detestava os detentores do poder, reconhecendo que são simples seres humanos como todos os outros. Sabia que *"Deus é o Senhor nosso e deles e tem o poder de chamá-los a si e torná-los justos"* (Leg3C 14,58). Francisco, porém, se afasta deste sistema, decidindo seguir, de maneira livre e consciente, a uma outra ordem, porque, tanto para ele pessoalmente como para seus companheiros, a lógica de um sistema fundado sobre o poder é *"sem qualquer valor"*.

Ele recusa para si e seus irmãos todas as funções consideradas desejáveis no sistema da cidade, como p.ex. os ofícios de tesoureiro, secretário, administrador, presidente..., enfim, tudo que representa poder ou dinheiro ou conduz a ambos. Não quer para si nenhum "domínio", nenhuma "potestas", assim como escreveu na sua Regra (RegNB 7).

Francisco consegue manter esta sua atitude até na presença dos poderosos do seu tempo, o papa, o bispo, os senhores feudais, os representantes deles...



Francisco, Clara, suas irmãs e seus irmãos recusam os sinais que uma sociedade assume para instilar respeito, como p.ex., o porte de armas, andar de cavalo, usar moedas, viver em pompa e fausto, gozar de lazer, vestir-se com roupas finas e elegantes, morar em castelos, possuir livros, aceitar títulos e rezar com palavras sonoras. Francisco introduziu "sinais novos", querendo demonstrar justamente o contrário. Ele anda a pé, não usa armas, faz trabalho manual, pede esmolas quando o justo salário lhe é negado, veste-se com um hábito simples e rústico, mora em cavernas e igrejas pobres, não quer saber nem de livros nem de ciência, que - segundo a sua opinião, - não fazem outra coisa que induzir à vaidade. Em vez de aceitar altos títulos, escolhe nomes simples, chamando a si e a seus



companheiros de "frades menores", conduzidos por "ministros" (= servidores) e "guardiães" (= vigilantes). A sua linguagem é simples e cheia de paz.

Mais decisiva ainda é a recusa de exercer qualquer ministério que confere poder, mesmo dentro do convento. Francisco e Clara renunciam a ofícios que pudessem obrigá-los a exercer domínio sobre seus irmãos ou suas irmãs. A Ordem representa uma família de "frades menores" e "irmãs menores" (cf. RegNB 5,12; 2Cel 184; 1Cel 38; RegCl 4,22, RegTOR 7,23; 8,25.27).

Todos devem sentir o amor de uma "mãe espiritual" que ama e cuida dos seus filhos (cf. RegB 6,9; RegNB 9,10 + 11; RegCl 8,15; RegTOR 7,23). Na sua Regra, Clara estabelece que "ao menos uma vez por semana, a abadessa deve convocar todas as irmãs para o capítulo. Aí, tanto ela quanto as outras irmãs devem acusar-se humildemente de seus erros e de suas negligências" (RegCl 4,14). Os títulos "irmãos", "irmãs" e "fraternidades" são justificadas teologicamente "por amor de Deus". Estes termos podem confirmar e reforçar a nossa maneira moderna de sentir e de pensar.



Clara tinha um sentido muito lúcido da co-responsabilidade democrática, expressa nos capítulos 4 e 5 da sua Regra por uma série de prescrições inusitadas: Nos capítulos semanais, a abadessa *“consulta todas as suas irmãs a respeito de tudo o que é útil e bom para o convento... Devem ser escolhidas ao menos oito irmãs entre as mais discretas, com as quais a abadessa há de deliberar tudo o que é de importância para a sua forma de vida”*. Portanto, quem se sente chamado a viver segundo o carisma de Francisco ou Clara não poderá aprovar formas de governo que cultivam o poder ou que marginalizam e exploram os irmãos ou as irmãs (cf. RegNB 5,9ss.)

Com frequência, tanto Francisco como Clara dão um sentido diferente a expressões usuais do seu tempo: os verdadeiros nobres e senhores são os pobres; a pobreza é a rainha da Ordem; o ministro ou a abadessa são os que servem, podendo ser substituídos eventualmente (cf. RegNB 5,6; RegCI 4,15; 14,22ss;).

O sistema do dinheiro

1.2.

Não apenas o poder e suas estruturas são rejeitados, mas sobretudo o dinheiro e as consequências às quais o seu uso obriga. Francisco e seus irmãos rejeitam qualquer uso de dinheiro para sua vida. Desta maneira, eles se opõem ao instrumento mais poderoso de exercer o controle social e fazer injustiça.

Graças a esta atitude persistente, os irmãos conseguiram manter-se livres do domínio exercido pelo sistema sócio-econômico.

No caso de Clara e sua irmãs, a situação era um pouco diferente. Não tiveram uma proibição absoluta de usar o dinheiro, como Francisco exigiu dos seus irmãos. Por causa da vida monástica, que elas estavam obrigadas a viver segundo os costumes da época, não lhes era possível renunciar totalmente ao uso do dinheiro. Mas, com força moral impressionante, defenderam, diante da Igreja e do Estado, o seu direito à “pobreza absoluta”.

Tanto Francisco como Clara queriam, em primeiro lugar e com toda paixão, viver segundo o Evangelho. Suas experiências com o comércio, a cultura e a política do seu tempo levaram-nos a escolher esta forma alternativa de vida.



Justiça e liberdade como preocupações centrais dos franciscanos

2.

Ao estudar mais de perto os sistemas marxista e capitalista, descobrimos suas falhas.



Inicialmente, a idéia comunista estava inspirada pela vontade de fazer justiça para todos. Todos igualmente deviam partilhar as riquezas entre si. O mesmo ideal também faz parte do movimento franciscano, na convicção de que o termo “propriedade particular” devia pertencer a uma língua estrangeira.

Aquilo, porém, que distingue Francisco do Comunismo é a liberdade. Tiago de Voragine, que escreveu a biografia do “*poverello*” no fim do século XIII, insiste que Francisco era um homem “*franco e livre*” e que dele saiu um efeito libertador. Por isso, foi chamado “Francisco”. De fato, tanto Francisco como Clara sempre insistiram na sua independência. Francisco escreveu no seu Testamento: “*Ninguém me mostrou o que eu deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho*” (Test 14).

Francisco sublinha a sua relação direta com Deus e sua liberdade até diante do Papa e do Imperador. Por isso, é importante para ele que cada irmão possa viver segundo “*a inspiração divina*” (RegNB 21; RegB 12,1) que recebe. A carta que escreveu a Frei Leão pode ser considerada um apelo apaixonado para seguir o próprio caminho e o direito a uma livre escolha.

Ademais, na sua introdução, os “*Fioretti*” descrevem as particularidades de cada irmão de modo muito nítido. Frei Egídio distinguiu-se pelo seu encanto místico; Filipe Longo pela eloquência profética; Frei Silvestre pela íntima amizade com Deus; Frei Bernardo por uma inteligência aguda; Frei Rufino pela entrega total a Deus. Cada um podia e mesmo devia ser um original, contribuindo criativamente à comunidade com seus próprios dons e talentos .

O Comunismo seria capaz de apresentar uma alternativa humana válida apenas quando a justiça, na qual insiste desde o princípio, for aliada com a liberdade.

Justiça

De outro lado, no Capitalismo a justiça foi entendida no sentido absoluto, sem considerar que a liberdade humana sempre implica também na liberdade dos outros. Por isso, a liberdade nunca pode ser absoluta, sendo sempre relativizada pela presença dos irmãos e irmãs que encontramos.

Parece evidente que Francisco e Clara se deram conta de que a liberdade é sempre presa numa rede social. Neste sentido, Francisco faz questão de pertencer à Igreja e receber a aprovação dela para seu estilo de vida. Ele une liberdade e obediência, certamente não no sentido de uma sujeição irrefletida, mas na disposição sutil de estar aberto às necessidades dos outros.

Para Francisco, a obediência consiste na prontidão de ouvir atentamente tanto o outro, individualmente, como um grupo, a Igreja e mesmo o mundo inteiro. A obediência era para ele a garantia da pertença e união a todos os níveis. De maneira natural, a liberdade representava para ele uma relação criativa com as pessoas com as quais entrava em contato.



Resumindo, pode-se dizer: na opinião de Francisco, uma liberdade que não é justa aos outros, simplesmente não é liberdade. Portanto, liberdade só pode ser liberdade verdadeira, quando está unida à justiça (cf. Lição 23).

O movimento franciscano: semente de uma nova cultura política

2.3.

Francisco e Clara não se interessaram unicamente por uma vida eterna no além, mas muito concretamente também pelo mundo real e atual. As eventuais conseqüências do poder e da riqueza aqui e agora não lhes eram indiferentes. Viveram na história uma nova cultura, livre e justa, que devia continuar valendo também para gerações futuras. Neste sentido, Francisco pensava inclusive em irmãos *“que agora o são e o serão no futuro”* (CtOrd 47), e não apenas na Itália, mas também *“em outros países e outras regiões”*. Queria dar novos impulsos às comunidades políticas entre si e em relação à sociedade em geral (cf. CtGov). Como Família franciscana, devemos começar aplicando a nós mesmos as críticas feitas ao Capitalismo e ao Marxismo para fazê-las, em seguida, valer profeticamente na sociedade humana global.

• Uma sociedade solidária

A espiritualidade franciscana aspira a uma sociedade solidária, procurando uma harmonia que não permite nem a destruição do meio ambiente, nem adversários ou opressores da identidade étnica ou cultural. Se a solidariedade ficasse restrita apenas à própria Família franciscana, então não corresponderia ao que foi vivido como ideal nas origens do movimento franciscano.



• A opinião franciscana do ser humano

O movimento franciscano considera todo ser humano um irmão ou uma irmã. Todos indistintamente, homens ou mulheres, jovens ou velhos, merecem o mesmo respeito e veneração que devemos a Jesus de Nazaré (cf. Mt 25).

Não se nega a ninguém a dignidade devida a filhos de Deus, nem mesmo aos piores, mais indecentes e mais perigosos.

A espiritualidade franciscana rejeita o princípio utilitário que tanto se propagou na nossa sociedade. O ser humano não é apenas humano quando demonstra ser útil. Mesmo se uma pessoa não pode ser aproveitada no mundo do trabalho, continua sendo pessoa humana. O Capitalismo degrada o homem, tornando-o insignificante e banal. Ele afasta todos aqueles que não têm valor no mercado, como crianças, velhos, desempregados, doentes e deficientes. Ninguém quer assumir a responsabilidade por esta gente. Mas nos Estados estruturados segundo os princípios social-comunistas acontece o mesmo, onde estão sacrificando não tanto ao ídolo do “mercado”, mas sim ao ídolo de um imaginário “futuro melhor”.

• A importância do singular e do único

Na crise pela qual estamos passando atualmente, seria bom se voltássemos a aprender na escola dos franciscanos Duns Scotus e Guilherme de Ockham. Foram estes dois que sublinharam a importância do singular e do único, das coisas concretas, da história, daquilo que é individual.

Este tipo de pensamento poderia ajudar-nos a avançar quando se trata de encontrar um novo relacionamento com a natureza e com a história.

• Nova percepção

O Vaticano II animou a nós, franciscanos e franciscanas, a “*perscrutar os sinais dos tempos*” (GS 4) e desenvolver uma nova percepção.

O fato de que “*já ninguém parece ter tempo para nada*” e a facilidade com a qual se esquecem as lições da história são contrários à experiência da fé cristã. Pois a memória é um elemento



essencial da fé. Nas nossas liturgias, a lembrança evoca sempre de novo aquilo que foi descoberto e vivenciado no passado.

Do mesmo modo, a vista panorâmica do futuro prometido por Deus faz parte da nossa fé. Esperamos que Deus penetre este mundo de maneira totalmente nova e diferente. No repetitivo da vida diária e nas dúvidas essa nossa esperança se perde. A pessoa que já não tem nem memória nem expectativa, enfraquece e morre espiritual e politicamente, como uma árvore cujas raízes foram cortadas.

Também a falta de capacidade de perceber o tempo e o esquecimento da história é contrária à visão franciscana das coisas. Pois seria idêntico ao esquecimento das próprias origens o abandono dos planos do fundador e a perda do caráter normativo das fontes.

• Autoconsciência coletiva

O estudo da presente lição há de resultar numa nova autoconsciência da Família franciscana. Apoiados em nossas convicções franciscanas de fé, somos capacitados a cooperar com outros grupos de boa vontade. Concretamente, isto pode significar:

- *** Colaboração com movimentos populares e organizações a nível inter-regional e internacional, quando temos que estudar ou resolver questões sociais, políticas ou ambientais.
- *** Uma nova maneira de dialogar com o poder, quando se está disposto a deixar espaço para os mais diversos grupos humanos.
- *** Um novo estilo de liderança democrática, baseado na maneira franciscana de compreender o ministério do serviço.
- *** A criação de redes de intercâmbio formadas por pessoas, grupos ou instituições.
- *** Colaboração inclusive com grupos e forças que não são religiosos.
- *** Solidariedade além de partidos, classes sociais, nacionalidades, culturas e sexos.
- *** Cooperação com todas as forças interessadas em operar uma transformação positiva na sociedade.



Em tudo isto, podemos estar lembrados que Francisco e Clara encontram tanta aprovação, não por causa de suas idéias políticas acertadas, mas porque procuraram a justiça social e a solidariedade a partir do seu profundo amor à humanidade.

Fontes eclesiais e franciscanas

Bíblia	Mt 25
Documentos da Igreja	QA 114; GS 4. Puebla 210
Fontes	CtGov; CtOrd 47; RegNB 2,1; 5; 7; 9,10ss; RegB 6,9; 12,1; Test 14; 1Cel 38; 2Cel 37; 184; Leg3C 14,58; EspPf 35
Documentos interfranciscanos	-
OEM - OEMCap - OEMConv	-
OSC (Clarissas)	RegCl 4ss; 8,15; 12,12; 14; 22ss.
OSF (TOR)	RegTOR 7,23; 8,25.27
OFS	-
Suplementos *	-

* Anotação: As fontes podem ser completadas pelos participantes do curso.



Exercícios

IV.

Exercício

1.

A finalidade do presente exercício é chegar a conhecer a realidade de cada participante do curso.

Tarefas:

- Coloque na 1ª coluna os três problemas mais importantes do seu país, de sua região, do seu continente.
 - Enumere na 2ª coluna, as conseqüências que daí surgiram
 - e na 3ª coluna, as prováveis causas desta situação.
 - Sugira na 4ª coluna eventuais soluções, nas quais poderia participar pessoalmente.
- Partilhe suas experiências e procure o que poderiam fazer em conjunto.

Problemas:

Conseqüências:

Causas:

Soluções:

.....
.....
.....
.....



Exercício

2.

H. Ruh, Professor de Ética Social na univerridade de Zurique, distingue, dentro de uma sociedade industrial, sete categorias de trabalho relacionados entre si:



1. Tempo de lazer: Neste período, a pessoa realiza atividades que contam como férias, lazer ou outras formas de compensação por trabalhos feitos; e que, provavelmente, são essencialmente necessários para o bem-estar humano.

2. Tempo do trabalho assalariado: Neste período, trata-se de trabalho propriamente dito, pago por salário que assegura o sustento da vida. Alguns exemplos: empregos a meio expediente, conforme a disponibilidade da respectiva pessoa, que não são prejudiciais no sentido ecológico ou social e não limitam necessidades fundamentais de outros. Pré-requisito é a garantia de uma diária mínima para adultos, independente do resultado que se possa eventualmente alcançar.

3. Tempo de trabalho para si próprio: Trata-se do tempo que a gente gasta trabalhando criativamente para garantir um certo nível de bem-estar pessoal, p.ex., velar pela saúde, também dos membros da própria família, comprar alimentos, cuidar da casa, da formação, da cultura, viajar, consertar máquinas ou aparelhos, ferramentas, roupas etc. ou adquirir uma casa própria.

4. Tempo social obrigatório: Obrigação de fazer um serviço social, dividido em três períodos. (O 1º período aos 20 anos de idade; o 2º pela idade de 35 anos; o 3º +/- na idade de 50 anos). Estes três anos de serviços a prestar, prescritos de maneira obrigatória pelas autoridades civis, devem beneficiar outras pessoas e/ou a sociedade em geral, p.ex., separando e re-proveitando lixo que não é lixo; sanando florestas e lagos; cuidando de pessoas idosas ou acompanhando-as; ajudando a alimentar deficientes; trabalhando como assistente de enfermagem; ocupando-se de deficientes mentais ou drogados; ajudando a resolver ou impedindo problemas de violência; animando eventos esportivos; participando do policiamento em lugares de crise; dando segurança durante trajetos noturnos; tomando conta de creches ou dando reforço escolar.

5. Trabalho social informal: Trata-se de trabalho honorífico gratuito; p.ex., ajuda na vizinhança, aulas particulares, visitas a parentes etc.

6. O tempo dado ao "eu": O tempo dado ao próprio proveito para cuidar da saúde, praticar esporte, participar em eventos culturais, praticar a religião, fomentar a espiritualidade.

7. Tempo de reprodução: Este tempo inclui tudo que se refere às gerações futuras: o cuidado, o acompanhamento e a educação das crianças, a responsabilidade paterna e materna levada a sério (Ruh 30-37).

Perguntas:

1. Qual é a sua opinião a respeito destas várias formas de trabalho?
2. Quais delas lhe são conhecidas e familiares?
3. Quais seriam ainda para inventar?



A história do endividamento, que não é nada complicada (segundo Traude Novy).

Três participantes (Anita, uma mulher de Manila, o americano George e mais um comentarista) apresentam o seguinte "sketch":

Anita: O Sr. não gostaria de comprar esta camisa da minha mão? Ela está muito bem feita e também muito barata.

George: Deixe-me ver! De fato, tem razão. Quanto você quer pela camisa?

Anita: Cinco dólares.

George: Vou dar-lhe quatro, mas posso conseguir um crédito para você, para que possa comprar uma nova máquina de costura. Então, você será capaz de costurar quatro camisas no mesmo tempo, e receber 20 dólares por elas.

Anita: Muito obrigada!

- Algum tempo depois -:

Anita: Meu Senhor, aqui estão quatro camisas. A nova máquina é realmente uma maravilha.

George: Lamento, mas poderei comprar somente duas camisas, porque não tenho clientes para mais.

Anita: Por favor, então, me dê dez dólares!

George: Não lhe posso dar dez dólares, senão terei que comprar as camisas na China, onde custam apenas dois dólares cada. Destes quatro dólares, porém, devo reter um dólar para cobrir os juros do crédito. A partir de agora, você terá que trabalhar com mais diligência; pois no próximo ano você deve começar a devolver o dinheiro que recebeu a crédito para comprar a máquina de costura.

- Um ano depois -:

Comentarista: George já não precisa mais de camisas. Anita vendeu as camisas que tinha feito, por um dólar cada uma, a um shopping center multinacional. A máquina de costura está penhorada. As dívidas ficaram.

Perguntas e tarefas:

1. Descubra as causas da espiral do endividamento.
2. Qual poderia ter sido um outro desfecho da história?
3. Represente uma nova versão deste "sketch", se for possível, usando outros participantes.





Na Bíblia há muitos textos que não perderam nada de sua atualidade quando comparados com a moderna discussão sobre o endividamento. A premissa teológica de qualquer direito à propriedade ou à posse da terra é a afirmação de que Jahwé é o verdadeiro dono de toda terra (Lv 25,23).

Na Bíblia, a propriedade particular era entendida como “um espaço vital confiado a alguém”. Em outras palavras, ninguém tem o direito absoluto de retê-lo indevidamente do próximo ou de enriquecer-se à custa dos que são economicamente mais fracos. A este princípio corresponde, em primeiro lugar, a proibição de exigir juros de um membro do próprio povo (Dt 23,20ss.). Em segundo lugar, foi estabelecido o “ano sabático” de sete em sete anos (Dt 15,1ss.), quando se perdoavam os empréstimos. Em terceiro lugar, havia o assim-chamado “ano jubilar” (Lv 25,8), quando após cada 50 anos a terra adquirida devia retornar aos donos originais, e todos os escravos também podiam retornar a suas próprias famílias.

Os princípios bíblicos do ano sabático e do ano jubilar não se podem aplicar simplesmente a nossas estruturas modernas, totalmente diferentes sob ponto de vista social, cultural e econômico. As intuições básicas, porém, continuam válidas ainda hoje.

O Ano jubilar (Lv 25ss.): *“Contarás sete semanas de anos, ou seja, sete vezes sete anos, o que dará quarenta e nove anos. Então, farás ressoar a trombeta no dia dez do sétimo mês. No dia da Expição fareis ressoar as trombetas por todo o país. Declarareis santo o quinquagésimo ano e proclamareis o perdão das dívidas no país para todos os habitantes. Será para vós um jubileu. Cada um de vós poderá retornar à sua propriedade e voltar para sua família.”*

O Ano sabático (Ex 23,10ss.): *“Durante seis anos, semearás a terra e recolherás os produtos. No sétimo ano, porém, deixarás de colher e de cultivar a terra, para que se alimentem os pobres de teu povo, e o resto comam os animais do campo. O mesmo farás com a vinha e o olival.”*

O Ano sabático (Dt 15,1ss.): *“De sete em sete anos, farás a remissão das dívidas. Eis como se deverá proceder: todo credor que houver emprestado, perdoará o empréstimo ao devedor; já não exigirá nada do próximo e do irmão, uma vez proclamada a remissão do Senhor.”*

Método: Ir da vida à Bíblia, da Bíblia à vida.

Para entender a situação do povo de Israel e também a situação do homem moderno, deve-se levar em consideração os aspectos econômicos, sociais, políticos e religiosos (a assim-chamada “técnica dos quatro fatores”).

Escolham um dos três textos citados acima, e reúnam-se em grupos pequenos para refletir:

1º passo: A situação atual.

- *** No início de qualquer trabalho bíblico, é necessário identificar os fatores, isto é, os quatro aspectos da realidade, que determinam a nossa situação, ou seja, o lado econômico, social, político e religioso. Quem não for capaz de identificar sua situação, também não poderá nem compará-la à mensagem da Bíblia, nem identificar seu significado.
- *** Partilhem os resultados e analisem sua situação sob o ponto de vista dos quatro fatores.

2º passo: Trabalhar com o texto.

- *** Rerler o texto bíblico em silêncio e depois em voz alta.
 1. Qual é a mensagem? Qual é exatamente o conteúdo do texto?
 2. A situação do povo: qual é a realidade econômica, social, política e religiosa que o texto revela?
 3. Como é que o texto interpreta a situação econômica e social à luz da fé?
 4. Quais são os direitos dos pobres? Em que princípios são fundados?
- *** A mensagem do texto:
 1. Em que sentido pode-se dizer que o texto desafia nossa fé em Deus?
 2. Que tipo de Deus é este no qual acreditamos?
 3. Como seria possível concretizar hoje em dia, um acordo social, exigido pela lei, no nosso contexto pessoal e comunitário, na família, na comunidade, na região, no país, no continente, a nível internacional?

Conclusão:

- *** Num clima de oração, resumir tudo aquilo que foi partilhado nesta hora. Escolham uma palavra-chave, capaz de transmitir em poucas palavras o que foi falado.





Leia os dois textos seguintes. O primeiro é o resumo de um livro da autoria de U. Duchrow:

A. O Socialismo:

O Socialismo não se desenvolveu da maneira como Karl Marx imaginava. Todavia, o assim chamado “socialismo real” começou num ponto estratégico, a saber, escolhendo como estrutura fundamental as relações que determinam a produção. Por conseguinte, a propriedade privada dos meios de produção foi logo abolida. A partir daí, nenhuma classe social teria o direito de ser a proprietária da terra ou do capital, com autoridade de determinar o que seria produzido e como seriam fixados os preços dos produtos.

De fato, não se pode deixar de atribuir certos êxitos parciais ao Socialismo, mesmo se a tentativa socialista como um todo fracassou. Quando se compara, p.ex., a questão de atender às necessidades vitais ou à distribuição justa dos bens para a quinta parte da humanidade que vive na China, comparando a situação antes e depois da Revolução, ou as relações comparáveis entre a China e a Índia, ou ainda entre Cuba e outros países da América Latina, então não há dúvida sobre quem conseguiu maior êxito na tentativa de satisfazer às necessidades fundamentais do povo.

Abstraindo da política do mundo ocidental capitalista, que conscientemente impediu que o modelo socialista acabasse sendo um sucesso, mesmo assim é notório que causas internas fizeram este modelo fracassar. Entre estas causas há algumas bem conhecidas, como p.ex. o surgimento de uma nova classe burocrática que logo começou, por sua vez, a apoderar-se dos lucros e oprimir politicamente o resto da população.

Ficou evidente que havia falhas sérias nos princípios econômicos. Já cedo, foi demonstrado que a economia dos Estados socialistas também seguia uma organização que dispunha das mercadorias e dos gêneros “à sua maneira”. No seu livro *“Der Kollaps der Modernisierung. Vom Zusammenbruch des Kasernensozialismus zur Krise der Weltökonomie”* (= O colapso da modernização. Do fracasso do socialismo dos quartéis à crise da economia mundial), Roberto Kurz demonstra que a maneira de considerar o trabalho de modo abstrato já existia e a acumulação do dinheiro continuava. O conceito do “mercado” foi simplesmente substituído pelo “planejamento centralizado”. Numa sociedade complexa, isto conduziu forçosamente ao fracasso.

Não nos é possível entrar de modo mais profundo neste assunto. Em todo caso, seria mais justo falar de uma “capitalismo estatal” para caracterizar este tipo de “socialismo burocrático”, em vez de considerá-lo a realização do Socialismo que Marx sonhava.

Quanto às conseqüências ecológicas da economia praticada pelo “socialismo real”, é preciso reconhecer que a tal “propriedade estatal” continuava aplicando os princípios da antiga Roma e de John Lockes, que reconheceram ao respectivo proprietário o direito absoluto e total de dispor de tudo. Não se deve esquecer que, no que toca as esperanças de consumo, foram adotados os mesmos modelos de desenvolvimento capitalista. Em conseqüência, a indústria de propriedade estatal levou a destruições ambientais ainda mais devastadoras do que aconteceu na economia capitalista privada.

Não é para se admirar, portanto, que o povo sonhava chegar aos centros capitalistas, ignorando a miséria na periferia das grandes metrópoles, pois cultivava as mesmas expectativas consumistas, mas por meios menos eficientes de produção das cobiçadas mercadorias e gêneros.

B. Não há alternativas ao sistema capitalista. (Jung Mo Sung)

A tese que afirma que não há alternativas ao sistema capitalista se fundamenta, em grande parte, na vitória do sistema capitalista sobre o sistema socialista. Esta vitória é apresentada como uma prova da validade dos fins capitalistas. Todos os outros princípios de justiça - como p.ex. a “justiça social”, - que se opõem à justiça capitalista, baseada na propriedade particular e nas leis do mercado, são considerados inválidos e contraproducentes ao progresso.

A identificação de “vitória e poder” com “verdade e justiça” e, finalmente, com o próprio Deus não é nada nova na história. O historiador judeu, Josephus Flavius, relata no seu livro “A guerra judaica”, uma alocução do general Agripa aos judeus, onde Agripa procura convencê-los de desistir da guerra contra o Império Romano. O seu argumento se baseia em fatos bem conhecidos: *“Uma vez que todos que vivem debaixo do céu temem e honram as armas dos Romanos, por que, então, vocês querem conduzir sozinhos uma guerra contra eles? Com ajuda de quem vocês querem conduzir esta guerra? Não há outra ajuda que aquela que vem de Deus, pois também Deus está do lado dos Romanos, uma vez que, sem a proteção divina especial, teria sido impossível criar e conservar um Império tão vasto!”* (39).

Também é conhecido o costume medieval de resolver pelo duelo as diferenças de opinião entre dois cavaleiros. A lógica seguia os mesmos argumentos. Deus está sempre do lado do justo que fala a verdade. Portanto, aquele que fala a verdade será o vencedor do duelo, mesmo se for o mais fraco. Deus não abandonará o justo e lhe concederá a vitória. Portanto, vencedor será com certeza o justo que tem razão.

Atualmente, esta lógica é utilizada pelos capitalistas para provar que a economia do mercado é justa e que os ricos têm o direito de se enriquecer. Também há críticos do sistema capitalista, levantando argumentos contra esta lógica, porém com sinais invertidos. Acreditam que a luta dos pobres é justa e, portanto, a sua vitória final é garantida. Não lhes



importa tanto saber se as condições objetivas para uma vitória política existem ou não, porque acreditam que Deus, ou a lei da história, está do lado deles, por serem justos e, portanto, invencíveis, mesmo se a vitória demora para chegar.

Este tipo de confiança cega já levou e continua levando muitos fanáticos e grupos ingênuos de boa vontade a cometer erros estratégicos graves. Além disso, confirma a lógica que serve para legitimar o domínio capitalista.

A fé cristã não depende da imagem de um Deus que está sempre do lado do justo vencedor. Pelo contrário, reconhece como núcleo central da nossa fé que Jesus de Nazaré ressuscitou. O credo que Jesus, vencido, condenado e morto pelo Império Romano e pelo Templo, ressuscitou é a fé num Deus que não está aliado aos vencedores, a saber, ao Império Romano ou ao Templo. Esta fé possibilita distinguir a vitória e o poder da verdade e da justiça.

Os discípulos de Jesus não foram presos porque ensinaram que há uma vida depois da morte, mas porque *“anunciaram cumprida em Jesus a ressurreição dos mortos”* (At 4,2). A grande novidade revolucionária consistia justamente no anúncio de que não os vitoriosos e poderosos ressuscitarão, mas aqueles que foram vencidos política e religiosamente, sendo aos olhos de Deus *“santos e justos”* (At 3,14).

Quando descobrimos que Jesus, o crucificado, ressuscitou, descobrimos também que a ordem social dominante e os poderosos não são nem justos, nem representam a vontade de Deus. Esta fé nos motiva a dar testemunho da ressurreição de Jesus, defendendo a dignidade humana dos pobres e dos fracos.

Lucas conta-nos de que maneira as primeiras comunidades deram testemunho da ressurreição de Jesus: *“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava sua propriedade o que possuía. Tudo entre eles era comum. Com grande efeito os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus e todos os fiéis gozavam de grande estima. Não havia entre eles indigentes. Os proprietários de campos ou casas vendiam e iam depositar o preço do vendido aos pés dos apóstolos. Repartia-se, então, a cada um segundo sua necessidade”* (At 4,32-35).

Este belo texto tem algo muito interessante: O núcleo da mensagem é a ressurreição do Senhor. Mas esta mensagem central está inserida entre dois outros parágrafos que não falam da ressurreição, mas de questões econômicas, a saber, da entrega de bens e propriedades, segundo as possibilidades; e sua distribuição, segundo as necessidades de cada um, *“para que não haja indigentes entre eles”*. Portanto, a distribuição transformava o povo numa comunidade.

Seria possível concluir que os dois parágrafos, entre os quais está inserida a mensagem central, aparecem aqui por engano de Lucas e que a ressurreição do Senhor não tem nada a ver com questões econômicas. Outros, porém, podem alegar, pelo contrário, que é justamente esta atitude frente a bens concretos que dá testemunho da ressurreição do Senhor. Pois a fé na ressurreição de Jesus demonstra claramente que a salvação não consiste na

acumulação de poder e riqueza, mas na formação de comunidades humanas, onde todos são acolhidos, independentemente da sua riqueza ou de outros sinais sociais.

A fé na Ressurreição de Jesus representa uma revolução epistemológica, uma revolução do conhecimento, que possibilita descobrir a verdadeira face de Deus e do ser humano. Ao descobrirmos a verdadeira face de Deus e a fundamental dignidade humana, nós nos sentimos questionados pelo grito dos pobres e convidados a construir uma sociedade mais humana e mais justa.”

Tarefas:

1. Façam um resumo das afirmações centrais dos dois textos.
2. Dialoguem sobre os pontos de vista aí apresentados.





Meditação sobre uma nota de dinheiro.

Coloquem uma nota de dinheiro no chão, bem no centro do círculo formado pelos participantes. Leiam lentamente o texto. Tomem tempo para entender os vários temas. A finalidade desta meditação é de se conscientizar a respeito das muitas facetas do fenômeno chamado “dinheiro”. No dinheiro há muitos níveis que influenciam profundamente o psiquismo pessoal e coletivo. Esta meditação procura trazer estes níveis à tona.

Introdução

Sentem-se bem à vontade. Observem a sua respiração:

- Aonde vai? donde vem? O que entra em mim por meio dela, e o que sai?
- Onde estão atualmente os meus sentimentos? O que me preocupa, não me deixando em paz?
- Onde é que os pensamentos me levam? Estou perto ou longe do assunto a ser tratado?

Meditação dirigida:

- Quais são os pensamentos que me vêm, ao olhar a nota de dinheiro tão conhecida?
- Quando foi a última vez que peguei uma nota destas na minha mão?
- Eu a dei ou recebi em troca de que?
- O que é que gostaria de fazer com ela?
- Qual é o papel que atribuo ao dinheiro na minha vida?
- Quantas vezes e como chega a ser um tema na minha vida?
- Minha relação com o dinheiro mudou no decorrer da minha vida?
- Qual é o papel que o dinheiro tem na minha família?
- Como é hoje?
- Será que os meus valores foram influenciados por esta nota?
- Quando e como foi a primeira vez que ganhei dinheiro?
- Quais são os meus sentimentos, lembrando-me disso?
- Quanto dinheiro costumo levar comigo?
- Será que existe uma quantia que me dá segurança, ou que me deixa a impressão de ser pobre?
- Será que sinto pena ao gastar uma nota grande?

- Tenho um limite interior que me indica que “ultrapassei a medida”?
- Será que já cheguei a perder uma grande quantia?
- O que senti naquela hora?
- Será que dou dinheiro a mendigos que me pedem?
- Quanto lhes dou e o que sinto quando lhes dou?
- Existe uma relação entre dinheiro e o sentimento de auto-afirmação?
- Tenho sentimentos de culpa ao usar dinheiro?
- O que seria diferente, se não tivesse dinheiro?
- O que seria diferente, se hoje tivesse muito dinheiro?
- O que é para mim, na minha vida atual, o mais importante que o dinheiro me possa dar?
- Será que também existe algo que é impedido pelo dinheiro?
- Conheço em mim facetas que se revelariam de maneira muito diferente, se não tivesse dinheiro nenhum ao meu dispor?



Conclusão:

Lentamente, volte a si, tomando novamente consciência dos outros e daquilo que o/a cerca.

Tarefas:

Anotem pensamentos importantes desta sua “viagem através do dinheiro”. Recolham estas anotações, redistribuindo-as de modo casual entre os participantes do grupo. Cada um lê em alta voz o comentário que tem na mão. Todos fazem suas observações a respeito.





Aplicação

2.

Leia o suplemento econômico do seu jornal que costuma ler diariamente.

Tarefas:

1. Quais são as atividades econômicas ali mencionadas?
2. A que finalidades elas servem?
3. Quais são os usufrutuários e quem são as vítimas deste tipo de economia? Enumere-os concretamente, um por um.



Aplicação

3.

Leia o seguinte texto, tirado do livro *"Mystik und Widerstand"* (= Mística e resistência) de Dorothee Sölle:

"Ao ler um documento singular, aprendi até que ponto pode chegar a "pobreza voluntária". Trata-se de uma carta publicada no jornal "Catholic Worker". Essa carta era endereçada ao tesoureiro da cidade de Nova Iorque. Para construir uma nova linha do metrô, a cidade tinha expropriado a casa da comunidade. Dois terços da soma da indenização foram pagos antecipadamente. O resto do pagamento a fazer demorou a chegar durante um ano e meio. Junto com os 68.700 dólares restantes, a cidade também remeteu os juros costumeiros no valor de 3.579,39 dólares.

Dorothy Day (1897-1980), escritora e política e católica radical, que também era a redatora do "Catholic Worker", escreveu em julho de 1960 ao Departamento de Finanças da cidade:

"Devolvemos os juros do dinheiro que acabamos de receber dos Srs, porque não acreditamos em empréstimos com juros. Como católicos, conhecemos bem a doutrina da Igreja a

respeito. Todos os Concílios anteriores proibiram o empréstimo de dinheiro e declararam que seria rejeitável ganhar dinheiro através de empréstimos sujeitos a impostos. Na Idade Média, a Lei Canônica proibiu isto e, através de vários decretos, mandou devolver qualquer lucro ganho desta maneira.

O dever moral de fazer o bem obriga-nos a emprestar gratuitamente, generosamente, mesmo em caso de desapropriação como era o nosso caso. Ordena igualmente a não resistir, mas a manter o coração alegre.

Não acreditamos no sistema do lucro. Por este motivo não podemos aceitar lucro nem juros pelo nosso dinheiro. Pessoas que têm uma visão materialista da assistência social procuram lucro. Nós, porém, queremos cumprir nosso dever, fazendo o nosso serviço sem exigir qualquer pagamento por isso de nossos irmãos, assim como Jesus nos ordenou, conforme o seu Evangelho (Mt 25).

Para os franciscanos, dar um empréstimo a juros é considerado como um flagelo da cultura. O artista e escritor inglês, Eric Gill, identificou a usura e a guerra como os dois maiores problemas do nosso tempo.

Uma vez que nós nos ocupamos deste problema em todas as edições do "Catholic Worker", desde a sua fundação em 1933 (escrevendo sobre a liberdade do ser humano, guerra e paz, o homem e o Estado, o homem e seu trabalho), e uma vez que a Sagrada Escritura ensina que o amor ao dinheiro é a raiz de todo mal, aproveitamos desta oportunidade para viver a nossa fé na prática e dar um sinal que supera o amor ao dinheiro. Portanto, devolvemos-lhes os juros que nos pagaram."

Perguntas:

1. Qual é a sua reação a esta mensagem?
2. Justifique a sua opinião.



Aplicação:

4.

Não é preciso convencer pessoas que vivem o ideal franciscano do valor de visões e utopias (*ou-topos* = coisas nunca realizadas). Julius K. Nyerere, o primeiro presidente da Tanzânia independente e o assim-chamado "Pai do socialismo africano", tinha uma visão para seu



país (antigamente chamado Tanganika), para a África e para o mundo inteiro. Chamava esta sua visão de “socialismo”. O seguinte texto é um resumo feito de diversos escritos e alocações de Julius K. Nyerere:

Ujamaa: fundamento do Socialismo africano

O socialismo representa, assim como a democracia, uma atitude mental. A intenção do presente estudo é analisar esta atitude, assim como a atitude mental que distingue o socialista daquele que não o é. Isto vale tanto para a sociedade como para o indivíduo. Não importa se a pessoa em questão é rica ou não. Pessoas que vivem na miséria podem ser capitalistas potenciais, exploradores dos seus contemporâneos. Quando há milionários numa determinada sociedade, isto não prova que esta sociedade seja rica. Pois pode haver milionários tanto em países muito pobres, p.ex., na Tanganika, como em países ricos. A diferença fundamental entre uma sociedade socialista e uma sociedade capitalista não consiste nos métodos de criar riqueza, mas na maneira como esta riqueza é distribuída.

Uma vez que a existência de milionários dentro de uma determinada sociedade não depende de sua riqueza, seria muito interessante para sociólogos investigar e analisar a causa por que, na África, nossa sociedade não produziu milionários. Desconfio que iriam descobrir que isto depende da organização da sociedade africana tradicional, assim como da maneira de distribuir a riqueza que produz, que quase não dá oportunidade à proliferação de parasitas.

De outro lado, também pode-se demonstrar que, por causa do mesmo motivo, a África não produziu classes ociosas de latifundiários. Em conseqüência, não havia ninguém para criar obras de arte ou de ciência, dos quais a sociedade capitalista tanto se gaba. Mas obras de arte e realizações científicas provêm da razão, que é - assim como a terra, - um dom de Deus à humanidade.

Deve haver algo de muito errado numa sociedade, onde um homem sozinho, trabalhando duramente e com muito inteligência, consegue adquirir como “recompensa” pelos seus trabalhos tanto quanto recebem juntos milhares de seus compatriotas. Ganância, para alcançar poder e prestígio, é anti-socialista. Numa sociedade gananciosa, a riqueza tende a corromper aqueles que a adquirem. A diferença visível entre sua própria prosperidade e a relativa penúria que há no resto da população parece até necessária para realçar a sua riqueza.

Além da conseqüência anti-social da acumulação de riqueza privada, o desejo de adquirir uma tal riqueza deve ser interpretado como um “voto de desconfiança” dado ao sistema social.

Uma sociedade é organizada de maneira socialista, quando nenhum dos seus membros tem que se preocupar para saber o que lhe acontecerá no dia seguinte, porque hoje não conseguiu juntar riquezas. A única condição há de ser que esta pessoa esteja disposta a

trabalhar; então a própria sociedade devia cuidar dela, assim como de suas viúvas e órfãos. É justamente isto o que a sociedade africana tradicional está tentando fazer com muito sucesso. Catástrofes da natureza causaram épocas de fome e carestia, mas todos sofreram igualmente, tanto os pobres como os ricos. Isto era socialismo vivido. Por essência, socialismo significa distribuição justa.

Para criar riqueza, seja do modo moderno, ou seja, da maneira primitiva, são necessárias três coisas: Deus em primeiro lugar. Foi Ele quem nos deu a terra, da qual tiramos as matérias primas que utilizamos segundo as nossas necessidades. Em segundo lugar, ferramentas; pois a experiência nos ensinou que elas nos são muito úteis. Em terceiro lugar, precisamos do esforço e do trabalho humano. Não é necessário ler os livros de Karl Marx ou de Adam Smith para entender que nem a terra, nem a enxada são suficientes para produzir riqueza. Também não precisamos de estudos acadêmicos em ciências econômicas para saber que nem o trabalhador nem o proprietário são capazes de “fazer” mais terra. A terra é a dádiva de Deus à humanidade.

Na sociedade africana tradicional, todos eram trabalhadores. Não havia outros meios para garantir o sustento da vida de uma comunidade. Mesmo o mais velho do clã ou da tribo que já não trabalha pessoalmente e para quem, aparentemente, todos os outros trabalham de fato já trabalhou duramente durante muitos anos. Portanto, a riqueza que ele agora parece desfrutar não era a sua riqueza particular. Somente na sua função de chefe da tribo, que criou essa riqueza, ele tinha o direito de usá-la. Os mais jovens o respeitavam, porque era mais velho e já havia servido a comunidade durante mais tempo do que eles.

Ao insistir no fato de que na sociedade africana tradicional todos eram trabalhadores, estou utilizando o termo “trabalhador”, sem colocá-lo simplesmente em contraste com o termo “empresário”, mas também em contraste com os que são taxados de “mandriões” e “preguiçosos”. Não somente o capitalista ou o latifundiário explorador eram sujeitos desconhecidos na sociedade africana. Também não se conhecia este tipo moderno de parasitismo dos preguiçosos que reclamam a hospitalidade como se fosse o seu direito, sem se apressarem para oferecer qualquer compensação equivalente. Quem entre nós resolve falar sobre a maneira africana de viver faz bem de lembrar-se do provérbio suaheli que disse: *“Durante dois dias trate seu visitante de visita, mas no terceiro dia dê-lhe uma enxada na mão!”*

O outro sentido do termo “trabalhador”, que significa “trabalhador assalariado” em oposição a “empresário”, representa uma mentalidade capitalista, importada na África a partir da colonização. Ela é totalmente estranha à nossa mentalidade. Não tem nada demais, quando nós também queremos ser ricos. Também não está errado, quando queremos ter o poder que a posse de riquezas confere. Em todo caso, porém, está errado desejar riqueza e poder para exercer esse poder sobre outros seres humanos. Lamentavelmente, há entre nós pessoas que já aprenderam a cobiçar riquezas para exercer poder. Portanto, o nosso primeiro passo tem que ser uma auto-reeducação para voltarmos à nossa mentalidade hereditária. Assim como rejeitamos a mentalidade capitalista, que trouxe o colonialismo ao nosso



continente, assim devemos rejeitar igualmente os métodos capitalistas inerentes ao colonialismo. Um destes métodos é a propriedade privada. Na África sempre consideramos a terra como propriedade da comunidade. O direito do africano à terra consistia somente no direito de usar a terra, mas não de possuí-la. Foram os estrangeiros que trouxeram um novo conceito totalmente diferente, a saber, o conceito de que a terra é uma mercadoria que se possa vender e comprar. Um tal sistema não nos era apenas desconhecido, mas é totalmente falso. Numa sociedade que admite propriedade particular, os latifundiários podem todos pertencer a uma mesma classe social e, muitas vezes, o fazem de fato, pertencendo à classe dos preguiçosos e parasitas. Não devemos tolerar o aumento do parasitismo aqui em Tanganika.

Mas, como já falei no início, o verdadeiro socialismo é uma atitude mental. Portanto, é tarefa da população de Tanganika garantir que essa mentalidade socialista não se perca, sucumbindo à tentação do lucro particular. Sempre será assim que alguns grupos contribuirão mais ao rendimento nacional que outros, em consequência do "valor de mercado" daquilo que produzem. Na verdade, porém, os outros podem produzir bens ou serviços que tenham o mesmo valor, ou até um valor superior. Por exemplo: os alimentos que um camponês produz tem um valor muito maior do que os diamantes extraídos das minas de Mwadui.

Uma das tarefas dos sindicatos consiste na distribuição justa do lucro. Pois, uma distribuição justa tem que existir também em relação à sociedade total. Aquilo que vale para os grupos vale igualmente para os indivíduos. Há certas aptidões, certas qualificações que - por motivos justos - são mais bem pagos do que outras. Mas mesmo nestas circunstâncias, a menos que seja um capitalista potencial, um socialista autêntico exigirá uma recompensa adequada sem procurar extorquir a sociedade, exigindo um salário que corresponderia ao que seus colegas em outras sociedades bem mais ricas recebem.

O Socialismo europeu surgiu da revolução agrária e da seguinte revolução industrial. A primeira destas duas revoluções criou duas classes, sendo uma, dentro da sociedade, uma classe proprietária de terras e a outra formada por "sem-terras". A Revolução Industrial, por sua vez, criou o capitalista moderno e o proletariado industrial. As duas revoluções em conjunto semearam o conflito na sociedade. E daí resultou não apenas o socialismo europeu, mas os seus "apóstolos" fizeram dela até uma filosofia. Por exemplo, guerras civis já não eram consideradas calamidades, mas necessidades positivas. O que a oração significa para o Cristianismo ou para o Islã, isto significa a guerra civil (que eles chamam de "luta de classes") para a versão europeia do Socialismo. Em outras palavras, esta luta de classes é tratada como um "meio" inseparável do "fim" visado. Assim, as duas coisas chegaram a formar o fundamento de um novo estilo de vida. Portanto, o socialista europeu é incapaz de imaginar um socialismo que não depende do "pai que o gerou", a saber, do capitalismo.

Para mim, que cresci no âmbito do socialismo tribal, esta contradição é insuportável. Pois, ela confere ao capitalismo uma dignidade filosófica que ele nem reclama nem merece.

Repito: a glorificação do capitalismo pelos socialistas europeus doutrinários parece-me absolutamente insuportável.

O socialismo africano não começou com o surgimento de “classes” na sociedade, que seriam opostas entre si. De fato, duvido que exista nas línguas africanas um termo equivalente ao conceito de “classe”. O fundamento e o alvo do socialismo africano é a “Ujamaa”, a grande família. A mentalidade desta grande família, a “Ujamaa”, define o nosso socialismo. E está em oposição ao capitalismo que, por sua vez, pretende criar uma sociedade feliz, baseada na exploração de certos seres humanos por outros seres humanos. Encontra-se, porém, igualmente em contradição ao socialismo doutrinário, que procura criar uma tal “sociedade feliz” baseada numa filosofia que declara que o conflito entre seres humanos é simplesmente inevitável.

Nós, na África, não temos necessidade de ser convertidos ao socialismo nem doutrinados para aprender o que é a democracia. Ambos têm as suas raízes na sociedade tradicional da qual provimos. Portanto, o moderno socialismo africano é capaz de entender o âmbito da “sociedade” como um alargamento da unidade original da família (= “Ujamaa”). A idéia da família social, porém, não pode se restringir ao clã, à tribo ou mesmo à nação.

Quando lutávamos para quebrar a força do colonialismo, aprendemos como é importante ficar unidos. Chegamos à conclusão de que a mesma atitude mental socialista, que deu segurança a cada membro da antiga tribo por pertencer a uma família mais vasta, tem que ser mantida igualmente numa comunidade maior, ou seja, na nação. Não podemos, porém, satisfazer-nos com isto. O âmbito da família, à qual todos nós pertencemos, deve ser alargado, para abranger não apenas o clã, a tribo, a comunidade, a nação, mas até o continente e a humanidade inteira. Esta seria a única consequência realmente lógica de um socialismo autêntico. (O texto original foi publicado em abril de 1962, no livro “Freedom and Unity”, da Oxford University Press, copyright de Julius K. Nyerere).

Perguntas e tarefas:

1. Procure os pontos que distinguem o socialismo africano das outras formas de socialismo.
2. Coloque estes pontos em relação com a doutrina social da Igreja (cf. Lição 24,C., 1.4: mercado do trabalho)
3. Você encontra paralelos com a utopia franciscana e bíblica?
4. Nesta conjuntura, o que significa a “opção pelos pobres”?



Em português:

AA.VV.

Os Franciscanos ante os desafios do Terceiro Mundo, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1983.

AA.VV.

O Franciscanismo no mundo de hoje, Petrópolis, Vozes, 1981.

AA.VV.

Francisco na Ótica Latino-americana, Petrópolis, Sinfrajupe, 1991.

Flood, D.

Frei Francisco e o movimento franciscano, Petrópolis, Vozes-Cefepal, 1986.

Merino, J.

Humanismo Franciscano, Petrópolis, FFB, 1999.

Em alemão e outras línguas:

Arrupe, P.

Können Christen die marxistische Gesellschaftsanalyse übernehmen?
Herderkorrespondenz 35 (Friburgo 1981) 242-246

Assmann, H./Hinkelammert, F.

Götze Markt (Düsseldorf 1992)

Bartsch, H.W./Buschmann, M./Stubby, G./Wulf, E.

Chile, ein Schwarzbuch (Colônia 1974)

Berg, D. (edit.)

Spiritualität und Geschichte. Festgabe für L. Hardick OFM (Werl 1993)

Bertsch, J. e outros (edit.)

Gemeinsame Synode der Bistümer in der Bundesrepublik. Beschluss: "Kirche und Arbeiterschaft" der Würzburger Synode, 1.5.1. (Friburgo 1976)

Bigo, P.

Umanesimo e marxismo (Milano 1963)

Bloch, E.

Karl Marx und die Menschlichkeit. Utopische Phantasie und Weltveränderung (Frankfurt 1968)

Bundesministerium für wirtschaftliche Zusammenarbeit:

Zusammenarbeit mit Entwicklungsländern (Bonn 1984)

Bochenski.J.M./Niemeyer, G.

Handbuch des Weltkommunismus (Friburgo 1958)

Boff, C.

Befreiungstheologie, was ist das eigentlich? Befreiung und Theologie. Beiträge zur aktuellen Diskussion. Missionszentrale der Franziskaner (edit.) Série: Berichte, Dokumente, Kommentare, caderno 27 (Bonn 1985) 3-8

Boff, L.

Und die Kirche ist Volk geworden. Ekklesiogenese (Düsseldorf 1987)

Boff,L./Bühlmann,W. (edit.)

Baue meine Kirche auf. Franziskanische Inspirationen aus der Dritten Welt (Düsseldorf 1983)

Bundesverband der Katholischen Arbeitnehmer-Bewegung Deutschlands KAB

Texte zur katholischen Soziallehre. Die sozialen Rundschreiben der Päpste und andere kirchliche Dokumente. Mit einer Einführung von Oswald von Nell-Breuning SJ (Kevelaer 6, 1985)

Calves, J.-Y.

Karl Marx. Darstellung und Kritik eines Denkens (Olten-Friburgo 1964)

Cardenal, E.

In Kuba (Wuppertal 1972)

Celigueta, D.E.

I primi compagni di San Francesco (Padua 1995) (Em espanhol: Compañeros primitivos de San Francisco, Madrid 1993)

Creutz, H.

Das Geldsyndrom. Wege zu einer krisenfreien Marktwirtschaft (Frankfurt 1996)

CSI (Christian Solidarity International)

Informationen und Appelle XII: Christen in Not, 2 (Bonn, agosto/septembro 1985)

Delbrët, M.

- Christ in einer marxistischen Stadt (Frankfurt 1974)
- Wir Nachbarn der Kommunisten (Einsiedeln 1975) 214ss.

Denzinger, H.

Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum. Compendium der Glaubensbekenntnisse und kirchlichen Lehrentscheidungen. Em latim e alemão (Friburgo 1991)

Duchrow, U.

Alternativen zur kapitalistischen Weltwirtschaft. Biblische Erinnerung und politische Ansätze zur Überwindung einer lebensbedrohenden Ökonomie (Gütersloh/Mainz 1994)

Evangelische Kirche in Deutschland und Deutsche Bischofskonferenz (edit.)

Für eine Zukunft in Solidarität und Gerechtigkeit. Wort des Rates der Evangelischen Kirche in Deutschland und der Deutschen Bischofskonferenz zur wirtschaftlichen und sozialen Lage in Deutschland (Hannover/Bonn 1997)



Estermann, Th.

Schuldenfreies Tauschgeld TALENT. Entwurf einer grundlegenden Geldreform (Zurique 1994)

Estermann, Th./Hämmerli, M./Jehle, B.

Alternative Geldmodelle. Zwei Beiträge zur praktischen Umsetzung (Aarau 1993)

Euchner, W.

Klassiker des Sozialismus. 2 vols. (Munich 1991)

Fetscher, I.

Karl Marx und der Marxismus. Von der Philosophie des Proletariats zur proletarischen Weltanschauung (Munich 1967)

Flood, D.

Francis of Assisi and the Franciscan Movement (Quezon City 1989)

Fornet-Betancourt, R.

Ein anderer Marxismus? Die philosophische Rezeption des Marxismus in Lateinamerika (Mogúncia 1994)

Forrester, V.

L'horreur économique (Paris 1996)

Fox, M.

Revolution der Arbeit (Munich 1996)

Gaudy, R.

Marxismus im 20. Jahrhundert (Reinbek bei Hamburg 1969)

Gaudy, R./Metz, J.B./Rahner, K.

Der Dialog. Ändert sich das Verhältnis zwischen Katholizismus und Marxismus? (Reinbek bei Hamburg 1966)

Gismomdi, G.

- Umanesimo marxista (Roma 1977)
- Umanità 2000. Per un nuovo progetto sociale (Alba 1976)
- Terrorismo e coscienza cristiana (Turino 1978)

Gollwitzer, H.

Die marxistische Religionskritik und der christliche Glaube (Munich 1967)

Goritschewa, T.

Von Gott zu reden ist gefährlich. Meine Erfahrungen im Osten und im Westen (Friburgo 1984) 18-27

Guevara, E.

Bolivisches Tagebuch: Ausgewählte Werke in Einzelausgaben. (Rugenstein 1991)

Graber, R.

Vorwort zu K. Ipser: "Franziskus, rette meine Kirche". (Stein am Rhein 1977)

Habermas, J.

- Technik und Wissenschaft als Ideologie (Frankfurt 1975)
- Politik, Kunst, Religion. Essays über zeitgenössische Philosophien (Stuttgart 1978)

Holzappel, H.

Die Anfänge der *Montes pietatis* (1462-1515): Veröffentlichungen aus dem kirchenhistorischen Seminar München. Vol. 11 (Munique 1903)

Horkheimer, M.

Die Sehnsucht nach dem ganz Anderen (Hamburgo 1970)

Hünemann, P./Scannone, J.C. (edit.)

Lateinamerika und die katholische Soziallehre. Ein lateinamerikanisch-deutsches Dialogprogramm, 3 vols. (Mogúncia 1993)

Ignatow, A.

Selbstauflösung des Humanismus. Die philosophisch-anthropologischen Voraussetzungen für den Zusammenbruch des Kommunismus (Baden-Baden 1996)

Ipser, K.

"Franziskus, rette meine Kirche... die verwüstet ist." Der Aufstand der Jugend aus dem Geist des Evangeliums (Stein am Rhein 1977)

Kennedy, M.

Geld ohne Zinsen und Inflation. Ein Tauschmittel, das jedem dient (Munique 1990)

Kolakowski, L.

Die Hauptströmungen des Marxismus. Entstehen, Entwicklung, Zerfall. 3 vols. (Munique 1977)

Koordinierungsstelle der Österreichischen Bischofskonferenz für internationale Entwicklung und Mission (edit.)

Leitlinien für die Zusammenarbeit der Katholischen Kirche in Österreich mit den Partnerinnen und Partnern in der "Dritten Welt" (Viena 1997)

Langner, A.

Neomarxismus, Reformkommunismus und Demokratie (Colônia 1972)

Lukacs, G.

Il marxismo nella coesistenza (Roma 1968)

Machovec, M.

- Vom Sinn des menschlichen Lebens (Friburgo 1971)
- Jesus für Atheisten (Stuttgart 1973)

Marchese, A.

Marxisti e cristiani (Turino 1968)

Martin, H.-P./Schumann, H.

Die Globalisierungsfalle. Der Angriff auf Demokratie und Wohlstand (Reinbek bei Hamburg 1996)

Marx, K.

- Frühschriften (Stuttgart 1971)
- Texte zur Methode und Praxis, I (Hamburgo 1967)

Merino, J.A.

Umanesimo francescano. Francescanesimo e mondo attuale (Assis 1984)



Metz, J.B.

- Glaube in Geschichte und Gesellschaft (Mogúncia 1977)
- Jenseits bürgerlicher Religion. Reden über die Zukunft des Christentums (Munich 1980)

Micó, J.

La conversión de Francisco de Asís, una opción de clase? *Estudios Franciscanos* 83 (1982) 1-36

Miguez Bonino, J.

- Theologie im Kontext der Befreiung (Göttingen 1977)
- Doing Theology in a Revolutionary Situation (Philadelphia 1977)

Missionszentrale der Franziskaner (edit.)

Da série: Berichte, Dokumente, Kommentare:

- Caderno 35: Internationale Verschuldungskrise (Bonn 1989)
- Caderno 40: Bergpredigt oder Sachzwänge. Theologische Anfragen an die Eigengesetzlichkeit der Ökonomie (Bonn 1989)
- Caderno 48: 1492-1992 (Bonn 1991)
- Caderno 66: Neoliberalismus, das Kreuz des Südens (Bonn 1996)

Möhring, K.

Erfahrungen und Reflexionen eines Franziskaners im Arbeitermilieu. *Missionszentrale der Franziskaner* (edit.) Série: Dokumente, Berichte, Kommentare. Caderno 28: Missionsland Deutschland (Bonn 1985) 11

Müller, A.

Alles hat seine Zeit. Gedanken über Gott und die Welt (Bonn 1997)

Müller, F./Müller, M. (edit.)

Markt und Sinn. Dominiert der Markt unsere Werte? (Frankfurt 1996)

Nell-Breuning, O. von

Marxismus, zu leicht genommen. *Stimmen der Zeit* 203 (1985) 87-91

Nyerere, J.K.

Ujamaa, Grundlage des afrikanischen Sozialismus. Dienste in Übersee. Arbeitsgemeinschaft Evangelischer Kirchen in Deutschland (Stuttgart 1972)

Prien, H.-J. (edit.)

Lateinamerika: Gesellschaft, Kirche, Theologie. Vol. I: Aufbruch und Auseinandersetzung Mit Beiträgen von E. Dussel, O. Noggler und H.J. Prien (Göttingen 1981)

Rendtorff, T./Tödt, H.E.

Theologie der Revolution. Analysen und Materialien (Frankfurt 1968)

Rolfes, H.

Sinn des Lebens im marxistischen Denken. Eine kritische Darstellung (Düsseldorf 1971)

Rotzetter, A.

Aus Liebe zum Leben. Die Evangelischen Räte neu entdeckt (Friburgo 1996)

Ruh, H.

Anders, aber besser. Die Arbeit neu erfinden - für eine solidarische und überlebensfähige Welt (Frauenfeld 1995)

Sacharow, A.

Progresso, coesistenza i liberta intelletuale (Milano 1968)

Sölle, D.

Mystik und Widerstand (Hamburgo 1995) 315ss.

Solschenizyn, A.

Archipel Gulag (Berna 1974)

Soros, G.

Die kapitalistische Bedrohung. *Die Zeit* (17.01.1997) N° 4, 25ss.

Sozialismus und das Evangelium Christi,

Pastorale Erklärung der Bischofskonferenz von Simbabwe: Weltkirche (1982) 307-310

Togliatti, P.

Comunisti e cattolici (Roma 1966)

Torre, E. de la

The Filipino Christian. Guidelines for a Response to Maoism: Living Theology in Asia (Londres 1981) 91-94

Trotzki, L.

Tagebuch im Exil (Colônia/Berlim 1958)

Vanderheyden, I.

- Marxismus, Erbe christlicher Hoffnung? A. Rotzetter (edit.), Geist und Welt: Seminar Spiritualität 3 (Zurique 1981) 61-68
- Die Arbeit als gesellschaftsprägende und -formende Kraft nach Karl Marx, idem 233-244

Weger, K.H. (edit.)

Religionskritik von der Aufklärung bis zur Gegenwart (Friburgo 1979)

Weizsäcker, E.U, von e outros

Faktor vier: Doppelter Wohlstand, halbierter Naturverbrauch. Der neue Bericht an den *Club of Rome* (Munique 1995)

Wetter, G.A.

Der dialektische Materialismus. Seine Geschichte und sein System in der Sowjetunion (Wien 1958)



Frontispício:

São Francisco, pintura de Pieter Geraerds, Holanda

Frontispício interior:

Símbolo do Comunismo

- p.05: Lenin fala aos operários da fábrica de Putilow em Petersburgo, em maio de 1917
- p.06, lado esquerdo: Karl Marx
- p.06, lado direito: operários numa fábrica
- p.07, Friedrich Engels
- p.08, Do mestre do Códice Hildegadis: *"A verdadeira Trindade na verdadeira unidade"*, ca. de 1147. Abadia de Stª Hildegardis, Eibingen bei Rudesheim
- p.10: De: *Parteileben*, Nº 2, janeiro 1974
- p.12: 1949: China se torna comunista. Declaração da República popular da China
- p.13, Michail Bakunin
- p.14, ilustração do Brasil
- p.15: Fidel Castro, num cartaz de Niko, 1970
- p.16: Salvador Allende e Pablo Neruda. De: *Chile, ein Schwarzbuch*
- p.17, Ernesto Che Guevara
- p.18, De: *Franziskaner Mission*, 3/93
- p.19, Jesus como defensor dos Sem-Terra, contra a ganância e a fome de poder. Mural na igreja da paróquia de Stª Terezinha, Brasil
- p.19, lado esquerdo: *"Aus Flugsand"*, desenho da Ásia (1992)
- p.20: Pintura de Cerezo Barredo, Brasil 1995
- p.21, De: *Chile, ein Schwarzbuch*
- p.22, A porta de Brandenburgo, Berlim
- p.24: De: *PZ*, 9/96
- p.27: *"Hoje quem governa é o povo."* De: *Chile, ein Schwarzbuch*
- p.29: Libertar os pobres no sentido do Evangelho. Pintura africana
- p.32, lado esquerdo: Missionários franciscanos em Madagascar. De: *MF* 8/9/97
- p.32, lado direito: São Francisco e Stª Clara. Minitura da Escola da Umbria. Spoleto, Museu da Burguesia.
- p.35: O Povo de Deus a caminho. De: *"Alle Welt"*, 9/10/91
- p.36: De: *Kontraste*, 2/92. Foto de Gérard Klijn
- p.37: Cristo, o salvador, chegou! Beate Heinen, 1989

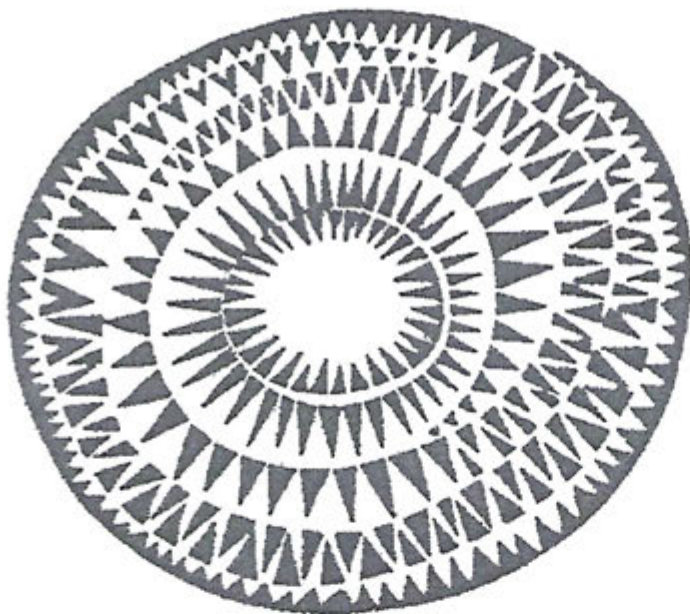
Recordando o Futuro

Aconteceu na Praça da Paz celestial:
Muita gente estava reunida,
de diferentes raças, nações, religiões e séculos.

De repente, o bellissimo nome desta praça
começou a diluir-se, tornando-se um verbo:
A paz celestial passou para as pessoas.

Todas se aproximaram umas das outras,
como dirigidas por uma mão invisível, se entreolharam
e começaram a falar,
entendendo-se mutuamente.

*“Como é possível que nós nos entendemos? se perguntaram,
maravilhados de que cada um ouvisse os outros falar
em sua própria língua materna.*



Hotentotes e habitantes das ilhas do Pacífico,
gente de olhos oblíquos, espertalhões de
Wall Street
e até os que surgiam do inferno das
drogas.

Havia gente da Albânia e de
Soweto,
partidários de Khomeini e de
Lefèbre,
Budistas, Hindus e fãs da Nova Era.

Estavam lá também cristãos de todos os
tipos,
ortodoxos e seguidores de Zwinglio,
católicos tradicionais e pentecostais,
presbiterianos e neo-catecúmenos.

Também vieram católicos romanos,
assim como o Papa acompanhado por alguns homens do Vaticano.
Havia fiéis das comunidades de base da Nicarágua
e gente de Leipzig.
Cristãos e cristãs que costumam brigar entre si
ou nem tomam conhecimento
uns dos outros.

Havia aqueles que costumam seguir mais ao dinheiro do que ao espírito, mais à lei do que
ao amor.

Ali encontramos Rosa Luxemburgo e a Miriam de Nazaré,
Che Guevara e o profeta Elias,
Joana d'Arc e as Mães da Praça de Maio,
Moisés e Gorbatschow,
Nelson Mandela junto com Botha.

Muitos vieram com o corpo em chagas;
suas correntes caindo no chão.
Outros tinham chicotes nas suas mãos que eles deixaram cair.



De repente, todos se entendiam.

Surpresos e confusos se perguntaram sobre o que tudo isto significava...

Então ouvia-se uma voz, ressoando,
não na imensa praça,
mas cada um a ouvia no seu próprio ínterior.

Esta voz era leve como uma brisa, quase imperceptível:
"Dentro de Vós, sou EU a VOSSA PAZ, a paz celestial."

Louis Zimmermann (segundo At 2)



Para adquirir os cadernos das lições, favor entrar em contato com:



FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL

CNPJ 31.166.622/0001-18

Rua Coronel Veiga, 1705 - CEP 25655-152

Caixa Postal 90.174 - CEP 25621-970

PETRÓPOLIS - RJ

PABX (0xx24) 2242-5247 e 2242-1300

FAX (0xx24) 2242-7644

E-mail: ffb@compuland.com.br

Lições já publicadas:

9. A missão franciscana segundo as fontes modernas
10. Unidade de contemplação e missão
11. Decisão por Cristo e amplitude universal
12. Fraternidade universal: Reconciliação com Deus, com o homem e a natureza
13. A missão franciscana e o anúncio da palavra
14. Irmãs e irmãos num mundo secularizado
15. O diálogo com outras religiões: Um caminho franciscano
16. Encontro com os muçulmanos
17. Inculturação, tarefa franciscana
18. O sonho franciscano de uma Igreja ameríndia
19. Francisco de Assis e a opção pelos pobres
20. Teologia da Libertação na visão franciscana
- 21a. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte I: O Capitalismo
- 21 b. Crítica Profética de Sistemas Sociais na perspectiva franciscana:
Parte II: O Marxismo

Próximas lições a serem publicadas

22. "Como homem e mulher Ele os criou" – Um desafio franciscano
23. Empenho franciscano pela Paz
24. Nossa relação com a Ciência e a Técnica
25. A Missão permanente dos franciscanos na Igreja